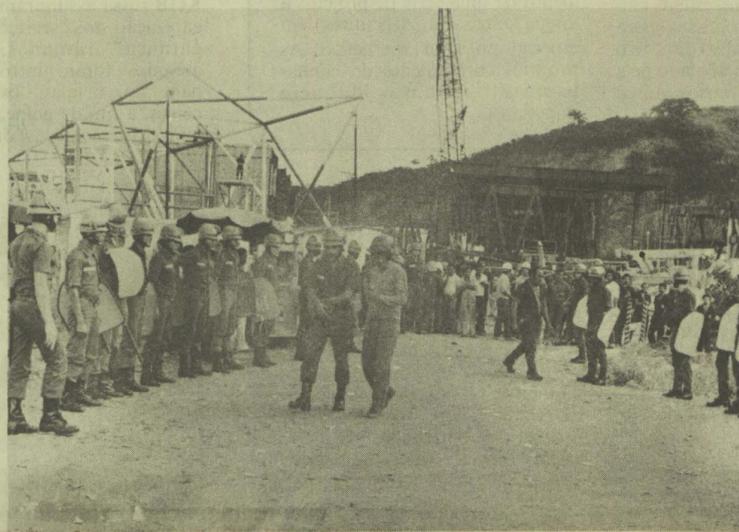


Malvinas

Esta guerra não é dos trabalhadores

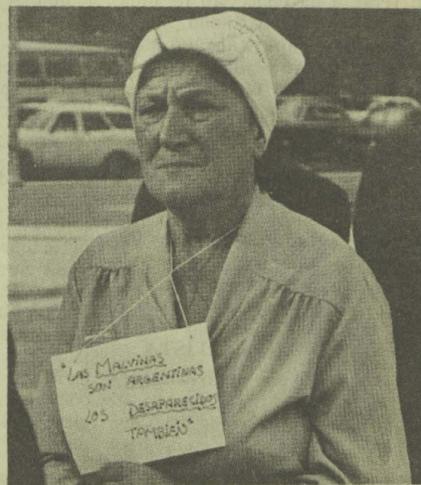
Plano para entregar o manganês de Carajás ao capital estrangeiro

Poderosos grupos multinacionais estão pressionando para ficar com a exploração do minério em lugar da Companhia Vale do Rio Doce. E ainda por cima querem ganhar toda a infraestrutura. Pág. 3



Na porta de um dos estaleiros de Niterói, operários e policiais se defrontam

Na Argentina cresce a oposição à ditadura do general Galtieri. Na Inglaterra o Semanário dos Trabalhadores denuncia a aventura guerreira do imperialismo britânico. Nos dois países os explorados vão se dando conta de que a guerra nas Malvinas só lhes trará luto e sofrimento. Brota a semente da união para derrotar os causadores da guerra — os governos reacionários de Buenos Aires e Londres. A guerra no oceano, na economia e na diplomacia. Página 2



Protesto da mãe de uma das vítimas da ditadura

Greve ativa em Niterói

Página 4



Solidariedade agora é vital para operários da Coferraz

Os metalúrgicos da Coferraz não recebem desde janeiro, estão em greve desde março e vivem de coletas de apoio entre o povo. Pág. 8

O Nordeste explorado dentro de São Paulo

A Tribuna relata a penosa vida dos migrantes. Pág. 8

Mais um pacote para não dar o poder à maioria

Figueiredo: só PDS pode mudar a Constituição. Pág. 3

Luta pela terra em Rondônia mata 4

A delegacia da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG), no Acre, noticiou mais um violento choque entre posseiros e jagunços, desta vez entre os municípios de Vilhena e Colorado D'Oeste, no recém-formado Estado de Rondônia. No enfrentamento morreram dois lavradores, uma mulher e um jagunço da fazenda Agapito Lemos.

Rondônia é hoje uma das principais frentes de colonização da Amazônia. Sua população saltou de 111 mil habitantes em 1979 para 490 mil em 1980, segundo o último censo. A maioria desta gente são camponeses que ocupam terras devolutas ou compram lotes em projetos de colonização, sempre legalizados. Ao mesmo tempo, intensificam a grilagem, fazendo do Estado uma área muito perigosa", segundo o próprio governador biônico de Rondônia, coronel Jorge Teixeira.

Komeini mata e tortura aos milhares

Comunistas do Irã denunciam a repressão. Pág. 2

Mundo Cão ganha espaço na televisão

A TVS lançou a moda e agora a Globo volta ao esquema para ganhar Ibope. Pág. 7



Cena da manifestação dos trabalhadores na Praça da Sé, São Paulo

Como os trabalhadores comemoraram o seu dia

O 1º de Maio no Brasil, na Albânia, no mundo. Pág. 5

EDITORIAL

Ditadura da minoria

No dia 1 de abril de 1977, o general Geisel fechou o Congresso Nacional alegando que "a ditadura da minoria" impedia importantes mudanças na Constituição. Poucos dias depois, baixou o pacote de abril reduzindo para metade mais um o número de parlamentares exigido para alterar a Carta Magna do país. Agora, 5 anos depois, o general Figueiredo trata de restaurar o número de dois terços, derrubado por Geisel.

Não se trata de uma correção da arbitrariedade praticada anteriormente. É mais uma arbitrariedade. Antes, o governo enfrentava a resistência de mais de um terço dos congressistas para fazer passar suas propostas. Mas agora, que já fez as mudanças que queria — talvez ainda faça outras antes que os eleitos este ano tomem posse — e que se sente ameaçado por uma vitória da oposição no dia 15 de novembro, trata de impedir que o controle do Congresso saia de suas mãos.

A verdadeira ditadura, a serviço de uma minoria contra o povo, que a golpes de baioneta rasgou, reescreveu e emendou a Constituição, transformando-a num amontoado de normas contra a liberdade, procura manter nas mãos dos generais o monopólio do poder político.

O país caminha rapidamente para um impasse. A imensa maioria dos brasileiros não suporta mais o regime de arbítrio. O governo a cada dia se torna mais incapaz de governar. No terreno econômico, financeiro, político e social, tem que pular de um lado para outro, desmanchando hoje o que começou ontem. Reconhecendo esta dificuldade, há poucos dias o senador Passarinho falou em uma "reforma" da Constituição. Mas parece que recebeu um cala-boca do Palácio do Planalto. Agora, o deputado Célio Borja disse, na Conferência da OAB em Florianópolis, que antes de se pensar em elaborar uma nova Constituição, é preciso saber "como ela deve ser". Para ele, "não se

pode dar um poder ilimitado de elaborar uma Constituição que nós não sabemos como vai ser" nem mesmo para "aqueles que elegemos" para isto. Os eleitos não podem ter poder ilimitado. E as baionetas que nunca receberam voto de ninguém, podem?

O que o governo e seus representantes pretendem camuflar é que o atual regime e a atual Constituição não tem nenhuma legitimidade. Que o país precisa de um novo regime, democrático e sem tutela de generais. E que os operários e todas as camadas populares, todos os democratas, reivindicam o direito de discutir e decidir sobre isto através de uma Assembléia Nacional Constituinte livre e soberana. A própria conferência da OAB indicou que não é possível remendar a atual Constituição. O remendo do arbítrio não leva à democracia. E que o atual Congresso também não tem representatividade para elaborar uma nova Carta Magna. Isto exige a eleição de representantes do povo, especificamente com esta tarefa — e com condições para pôr fim ao arbítrio consagrado pela Constituição outorgada pelos militares. O povo está farto de opressão e quer mudar.

A luta pela Constituinte vai e volta de acordo com o agravamento da conjuntura. Mas cada vez setores mais amplos aderem a esta legítima reivindicação. Na atual campanha eleitoral, todos os candidatos honestos têm uma oportunidade de ouro para ampliar a discussão. E esclarecer a opinião pública de que só um novo governo, formado pelos democratas e representantes populares, tem condições para convocar e garantir o livre funcionamento de uma Assembléia Nacional Constituinte e abrir caminho para um novo regime de liberdade e progresso. Este é o complemento indispensável da denúncia dos casuísticos e pacotes que o governo falido do general Figueiredo inventa para perpetuar-se no poder.

Os povos contra a guerra nas Malvinas

“Quem brinca com fogo se queima.” Este ditado popular se adapta às atuais operações bélicas no Atlântico Sul. Acionada a máquina de guerra da Inglaterra e da Argentina e insuflado o fervor patriótico-chauvinista, a arriscada aventura vai fugindo ao controle: mais de 500 argentinos foram mortos, quando o cruzador “General Belgrano” foi a pique no dia 2, e quase uma centena de ingleses sucumbiu, quando o destróier Sheffield foi afundado no último dia 4.

A ditadura militar argentina era até há pouco, o principal aliado da política intervencionista de Reagan na América Central. Entre outras coisas, treinava comandos para-militares em Honduras para atacar os governos de Cuba e Nicarágua. Hoje, o governo de Galtieri recebe “apoio absoluto” destes dois países e de Honduras também, enquanto recebe sanções econômicas e militares de Washington. Como explicar isto?

Os caças harrier espalham a morte para defender interesses colonialistas da Inglaterra



Mundo financeiro tem medo do bloqueio à Argentina

Uma das vítimas da guerra nas Malvinas pode ser o próprio sistema financeiro internacional. Com o bloqueio imposto pelo bloco imperialista ocidental à Argentina, este país não vem conseguindo divisas para pagar sua dívida externa de 34 bilhões de dólares. Buenos Aires deve 5,8 bilhões a bancos ingleses e 9,2 bilhões a bancos americanos.

As empresas argentinas já não estão pagando seus empréstimos britânicos — as parcelas da dívida

estão sendo bloqueadas numa conta especial. E na sexta-feira passada o Banco Central argentino suspendeu todos os pagamentos externos, que serão estudados caso por caso, o que implica num grande atraso.

Todos os bancos internacionais estão assustadíssimos com a possibilidade da Argentina não saldar seus compromissos. Isto poderia levar ao colapso de todo o sistema financeiro já abalado pela crise Polonesa e de vários outros países.

Por isto, alguns países europeus já pressionam pelo fim do bloqueio. A república da Irlanda já rompeu oficialmente com as sanções. E círculos financeiros da Alemanha Federal aumentam o coro das reclamações, preocupados com a ameaça de cancelamento de uma série de projetos a longo prazo na Argentina, em especial no setor energético. As próprias contradições do capitalismo dificultam o bloqueio imperialista.

O presidente Reagan, cinicamente, disse que estava surpreso com o ataque. Mas o avião Vulcan, que iniciou o bombardeio, decolou de uma base americana na ilha de Ascensão e foi guiado até o alvo por um satélite dos EUA.

O chanceler Costa Mendes ainda quiz acionar o Tratado do Rio de Janeiro (TIAR), mas ficou demonstrado que ele é apenas um instrumento de dominação americana sobre o continente — nesta crise, foi esvaziado pelos EUA, porque não servia a seus interesses.

GENERAIS SE FIARAM NOS EUA

No início do ano, circulavam informações, nunca desmentidas, de que os Estados Unidos apoiaram as reivindicações argentinas nas Malvinas, em troca da intervenção do exército de Buenos Aires na crise de El Salvador e na América Central em geral, e da concessão de uma base militar no Atlântico Sul à marinha norte-americana. O próprio secretário de estado norte-americano, Alexander Haig, reconheceu que seu governo tinha conhecimento prévio do ataque argentino às Malvinas.

Os generais argentinos, inicialmente, confiaram na tolerância dos EUA, que se apresentou como mediador. E a própria Inglaterra no começo fez corpo mole, atrasando a chegada de sua frota à “zona de guerra”.

O BLOCO IMPERIALISTA

Mas, a jogada era muito perigosa. Para desespero de Washington, a margem de manobra nas negociações foi se reduzindo sem que

nenhum dos países achasse jeito de recuar. Quando o confronto se tornou inevitável, o imperialismo norte-americano viu-se forçado a optar entre sua aliança com a ditadura argentina e o bloco imperialista da Europa Ocidental, Canadá e Japão que apoiava Londres. Até mesmo o governo dito “socialista” de Mitterrand, na França, defendeu com entusiasmo o colonialismo inglês e aderiu ao bloqueio econômico da Comunidade Européia à

Argentina (ver box). No dia 30 de abril, enfim, Alexander Haig desmascarou-se e manifestou abertamente o apoio dos EUA à Inglaterra.

Isolado, o governo argentino tentou manobrar: disse que aceitaria a resolução 502 da ONU (favorável à Inglaterra) desde que fosse reconhecida a soberania argentina sobre as ilhas. Mas, na madrugada de sábado os ingleses já bombardeavam o aeroporto das Malvinas.

Repressão selvagem no Irã conta com a assistência da KGB

A Tribuna Operária recebeu uma nota do Partido do Trabalho do Irã retratando o quadro daquele país: dezenas de milhares de encarcerados e fuzilados, tortura sistemática sob a orientação de agentes da KGB soviética, uma anistia falsificada. Um relato dramático, que conclui com um apelo à solidariedade internacional dos antifascistas.

“A situação interna do Irã — diz o PTI — torna-se dia a dia mais opressiva para as massas populares e as forças patrióticas e revolucionárias.

“Milhares e milhares de jovens revolucionários foram assassinados pelos verdugos do regime islâmico somente nos últimos oito meses, sem contar dezenas de milhares que esperam a morte nos cárceres islâmicos.

“Nosso partido foi também selvagemmente golpeado. Alguns de nossos camaradas foram executados pelo simples ‘pecado’ de haver tomado parte na defesa da pátria contra o agressor iraquiano!”

TORTURADORES DA KGB

“A tortura é hoje praticada, sistematicamente, nas prisões komeinianas. Sobretudo depois que 36 conselheiros da KGB russa assumiram a reorganização dos ‘serviços de segurança’ iranianos, novos métodos foram introduzidos para ‘fazer falar’ os prisioneiros, a fim de golpear ainda mais fortemente, as organiza-

ções às quais eles pertencem.

“O regime contra-revolucionário e antinacional de Komeini não divulga mais os nomes dos fuzilados, nem dos prisioneiros. Todas as suas campanhas de propaganda referentes à libertação de milhares de ‘prisioneiros políticos’ são inteiramente mentirosas. Nem um só dos nossos camaradas ou simpatizantes foi libertado. Temos o caso muito concreto de três moças detidas como suspeitas, através de uma simples denúncia, que até hoje estão no cárcere apesar de todos os anúncios oficiais de ‘Anistia’.

SALVEM ESTAS VIDAS

“O regime iraniano teme a opinião pública democrática internacional. Eis porque solicitamos que vocês façam conhecer no seu país a repressão medieval exercida pelo regime de Komeini, que façam ouvir bem forte a voz do protesto contra estas práticas. Esta ação pode salvar a vida de numerosos comunistas, revolucionários, jovens e patriotas encarcerados”.



Polícia usa jatos d'água contra operários nos choques de terça-feira

Novos protestos contra a Gestapo de Jaruzelsky

Menos de uma semana depois da libertação de dois mil presos políticos, as prisões da Polónia voltaram a se encher de trabalhadores. Desde o 1º de Maio as manifestações de protesto contra o regime militar se sucedem, sob as palavras-de-ordem de “Fora a Junta!” e “abaixo a Gestapo!”

O movimento contra a ditadura militar na Polónia lembra os que ocorrem na América Latina. Mas, o qualificativo de Gestapo para as tropas do general Jaruzelski mostra até que ponto o regime atual é odiado. Seis milhões de poloneses morreram sob o domínio de Hitler, na II Guerra Mundial, e comparar alguém aos nazistas é a suprema ofensa naquele país.

Apesar da Gestapo de Jaruzelski, os trabalhadores voltam às ruas. Na terça-feira, já eram mais de 10 mil os manifestantes na velha Varsóvia. Veículos militares avançaram contra a multidão, com as sirenes ligadas. Houve choques, pancadas de cassetetes, bombas de gás, dezenas de feridos e de presos.

Mas há indicativos de que, como diz uma palavra-de-ordem bastante picada nos muros poloneses, “O inverno é de vocês, mas a primavera será nossa”. Terminado o frio inverno europeu e a primeira ofensiva após o golpe, os trabalhadores voltam à carga. Desgraçadamente para a classe operária polonesa, o movimento continua a sofrer, como antes do golpe de 13 de dezembro, uma forte influência da Igreja polaca. Terça-

feira, foram os festejos da Virgem Maria que serviram de estopim para o ato de protesto. Desde o início da crise o clero — extraordinariamente numeroso na Polónia — trata de abafar sem contemplação qualquer iniciativa independente dos trabalhadores.

O PAPEL DA IGREJA

E a Igreja polaca não é uma força qualquer. Possui mais terras do que todas as fazendas coletivas do país somadas. Explora o trabalho alheio, e mantém uma boa parte do povo acorrentado à crenças religiosas atrasadas, medievais mesmo, além de fazer o jogo dos capitais do Ocidente.

Agora mesmo, planeja-se, para o dia 26 de agosto, um super-espetáculo de idolatria dedicado ao sexto centenário da Virgem de Czestochowa. Está programada a presença do próprio papa, e o governo Jaruzelski dá total apoio a promoção. Muitos operários poloneses — que passaram por experiências tão instrutivas nos últimos dois anos — devem estar se perguntando porque diabo os maiores figuras da Igreja aparecem ao lado dos generais da Gestapo polonesa, na hora de promover a estátua da Virgem.

PC inglês denuncia aventura imperialista

Para o jornal inglês *Workers' Weekly* (“Semanário dos Operários”), do Partido Comunista Revolucionário Britânico (marxista-leninista), os políticos ingleses “até ontem fechavam os olhos para os crimes dos fascistas argentinos contra a classe operária e o povo. Sucessivos governos britânicos venderam-lhes armamentos e mantiveram com eles extenso comércio. O modo como a junta militar-fascista da Argentina resolve colocar o problema da disputada soberania sobre as ilhas não pode servir de pretexto para a belicosa aventura em que o imperialismo britânico embarcou”. Em editorial, o jornal define também sua posição diante da ação inglesa.

Workers of All Countries, Unite!

ORGAN OF THE CENTRAL COMMITTEE OF THE REVOLUTIONARY COMMUNIST PARTY OF BRITAIN (MARXIST-LENINIST)

Val. 9, No. 15

April 16, 1982

Falkland Islands Dispute

NO TO BRITISH IMPERIALIST WARMONGERING!

OPPOSE THE CHAUVINIST WAR HYSTERIA OF THE CONSERVATIVE, LABOUR AND OTHER BOURGEOIS PARTIES! BRITISH WARSHIPS MUST BE WITHDRAWN! END BRITISH COLONIALISM!

AT THE BEGINNING of this week the British Government announced that it had decided to send a task force to the Falkland Islands. This is a clear and deliberate attempt to reassert British imperialist control over the islands. The British Government has also announced that it will send a task force to the South Atlantic to support the Argentine military forces in their operations against the people of the Falkland Islands. This is a clear and deliberate attempt to reassert British imperialist control over the South Atlantic.

OPPOSE BRITISH IMPERIALISM'S PLANS FOR CONTINUED COLONIAL CONTROL IN THE SOUTH ATLANTIC!

O jornal dos comunistas britânicos não dá trégua à sua burguesia

O CORO DOS BURGUESES

“Os acontecimentos na crise das Malvinas provam mais uma vez — diz o editorial — que todos os partidos burgueses tomam o caminho do armamentismo e do chauvinismo. A resposta imediata do governo Thatcher foi a de enviar a frota britânica para “dar uma lição” na Argentina, como se ainda estivéssemos nos tempos em que John Bull dominava o mundo. No Parlamento o governo se viu sob vários fogos, não devido à sua política belicista, mas por não ter sido suficientemente agressivo.

UMA PERGUNTA SE FAZ

O Partido Trabalhista, a imprensa, todos como um só homem clamam pelo que se supõe ser um direito inalienável da Inglaterra: manter colônias pelo mundo inteiro.

Os fatos dão, aos trabalhadores e aos democratas, motivos para uma pergunta: Se tamanha onda de chauvinismo e histeria guerreira movimentam a burguesia hoje, quando ela própria sabe tratar-se de motivos relativamente sem importância, qual será sua reação no futuro, quando estiverem em jogo coisas que ela considera vitais? Os fatos demonstram como, da noite para o dia, toda a burguesia passa da devoção à paz para a mais raivosa histeria belicista.

Só a classe operária e o povo podem deter o braço da guerra. Todos os partidos burgueses, todos os revisionistas e oportunistas passam irresistivelmente para o campo da guerra.

Os trabalhadores ingleses não foram engolidos pela histeria

atual da burguesia. Devem se opor aos esforços para alinhá-los com as aventuras guerreiras do imperialismo britânico, às fanfarras, à histeria da imprensa, às acusações de “traição” a todos que levantam sua voz contra a guerra. É tarefa dos trabalhadores e do povo, promover uma escalada da oposição aos senhores da guerra.

OS TRABALHADORES NÃO!

Está nas mãos dos trabalhadores, da opinião pública progressista e amante da paz, desencadear suas lutas e prevenir que os imperialistas assassinos, chefiados pelas duas superpotências, deflagrem a guerra. E também preparar-se para a revolução, único modo de pôr fim, de uma vez por todas, à ameaça de guerra, conclui o editorial do *Workers' Weekly*.

Tribuna Operária

Endereço:
Travessa Brigadeiro Luis Antônio, 53 - Bela Vista - São Paulo, CEP 01318.

Telefone:
36-7531 (DDD 011)

Telex:
01132133 TLOP BR

Jornalista responsável:
Pedro Oliveira

Conselho de Direção:
Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olivia Rangel

Sucursais:
Acre: Rua Belem, 91, Estação Experimental, Rio Branco - CEP 69900. Amazonas: Rua Simon Bolívar, 231-A, Pça. da Saudade, Caixa Postal 1439, Manaus - CEP 69000. Pará: Rua Aristides Lobo, 620 - Centro - Belém - CEP 66000. Maranhão: Rua 7 de Setembro, 175 - Centro - São Luiz - CEP 65000. Piauí: Rua David Caldas, 374 - saia 306 - Sul - Teresina

CEP 64000. Ceará: Rua do Rosário, 313 - saia 206 - Fortaleza - CEP 70000. Paraíba: Rua Padre Meira, 30 - saia 108 - Centro - João Pessoa - CEP 58000. Rio de Janeiro: Rua do Contorno, 319 - 1º andar - Campina Grande - CEP 58100. Pernambuco: Rua 7 de Setembro, 42 - 7º andar - saia 707 - Boa Vista - Recife - CEP 50000. Alagoas: Rua Cincinato Pinto, 183 - Macaio - Centro - CEP 57000. Sergipe: Rua João Pessoa, 299 - saia 28 - Aracaju - CEP 49000. Bahia: Rua Senador Costa Pinto, 845 - Centro - Salvador - CEP 40000. Av. Getúlio Vargas, 260 - saia 101 - Ferra de Santana - CEP 44100. Rua Corpo Santo, 32 - Bairro dos 46 - Camaçari - CEP 42800. Minas Gerais: Rua da Bahia, 573 - saia 904 - Centro - Belo Horizonte - Tel. 224-7805 - CEP 30000. Rua do Contorno Rodoviário, 345-355 - Contagem - CEP 32000. Galeria Consistência Valadares - 3º andar - saia 411 - Jujuz de Fora - CEP 36100. Goiás: Av. Goiás, 657 - saia 209 - Centro - Goiânia - CEP 74000 - Tel. 225-6689. Distrito Fe-

deral: Ed. Goiás - saia 322 - Setor Comercial Sul - Brasília - CEP 70317. Mato Grosso: Rua Comandante Costa, 548 - Curitiba - Tel. 321-5095 e 321-9095 - CEP 78000. Espírito Santo: Av. Getúlio Vargas, 247 - saia 705 - Vitória - CEP 29000. Rio de Janeiro: Rua da Lapa, 200 - saia 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021. Av. Amaral Peixoto, 370 - saia 807 - Centro - Niterói - CEP 24000. São Paulo: São Bernardo do Campo - Rua Jurubatuba, 1716 - saia 9 - 1º andar - Campinas - Rua Professor Luiz Harzi, 94 - Centro - CEP 13100. Paraná: Av. Winston Churchill, 2030 - saia 3 - Pinheirinho - Curitiba - CEP 80000. Rua Sergipe, 892 - saia 7 e 8 - Londrina - CEP 86100. Rio Grande do Sul: Rua General Câmara, 52 - saia 29 - Centro - Porto Alegre - CEP 90000. Rua Dr. Montauray, 658 - 1º andar - saia 15 - Caxias do Sul - CEP 95100. A Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi, Rua Itaipava, saia 1111 - Centro - São Paulo - CEP 01318. Caxias do Sul - CEP 95100. São Paulo - CEP 01318.

ASSINE A TRIBUNA OPERÁRIA!

Receba em casa, semanalmente, o seu jornal e ajude com sua assinatura a sustentar esta Tribuna a serviço do presente e do futuro do trabalhador!

Desejo receber em casa a Tribuna. Envio anexo cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda., Travessa Brigadeiro Luis Antônio, 53 - Bela Vista - São Paulo, SP - CEP 01318.

De apoio Anual (52 ed.) Cr\$ 4.000,00 semestral (26 ed.) Cr\$ 2.000,00
Comum Anual (52 ed.) Cr\$ 2.000,00 semestral (26 ed.) Cr\$ 1.000,00

Nome: _____
Endereço: _____
Bairro: _____
Cidade: _____ Estado: _____

CEP: _____ Fone: _____ Data: _____ Profissão: _____

Prefeito do PDS tenta aplicar golpe em Manaus

O recém-empossado prefeito de Manaus — industrial João Furtado —, do PDS, surpreendeu a população da capital do Amazonas com um projeto que ele vem apresentando. Ele tem afirmado que “é preciso acabar com essa história de construir casas de alvenaria no Amazonas. As casas aqui, de agora em diante, serão construídas de madeira”.

Parecia que tinha lógica a preocupação do prefeito. Mas, depois descobriu-se o real motivo da sua “preocupação social”: ele é proprietário de uma das maiores serrarias do Amazonas e, provavelmente, tem algum estoque de tábuas encaixadas ... (Da sucursal)



Para STF Diniz causa “danos a democracia”

Generais querem enquadrar Freitas Diniz na LSN

Mais uma vítima da “abertura” do general Figueiredo. Acusado de ofender a “honra do presidente da República”, o deputado opositor do Maranhão, Freitas Diniz, poderá ser enquadrado na Lei de Segurança Nacional, tendo como pena de dois a cinco anos de prisão. Isto porque o Supremo Tribunal Federal (STF), em sessão secreta no dia 5, decidiu aceitar a acusação de que o parlamentar violou a “segurança nacional”. Entre os “juizes” do STF, que por unanimidade votaram pela instauração de ação penal, está o conhecido fascista Alfredo Buzaid, o “pai da censura”.

O crime de Diniz foi um discurso proferido em setembro passado, quando ele culpou o governo pelos conflitos sangrentos por terras no sul do Pará, afirmando que o regime privilegia os latifundiários em detrimento dos posseiros. Segundo os militares, este pronunciamento causaria “danos à democracia”.



Javier: “multinacional é incentivada”

Governo tenta intimidar líder da UNE

“O veto à minha naturalização é um ato político, que visa intimidar os estudantes e dificultar a atuação da União Nacional dos Estudantes”, afirma Francisco Javier, presidente da UNE, que teve no dia 30 de abril o seu pedido de naturalização negado pelo Ministério da Justiça.

Javier, que nasceu na Espanha, vive no Brasil desde os sete anos de idade. Em 1º de março de 1979, pediu sua naturalização como brasileiro. De lá para cá seu pedido tramitou na Justiça de Salvador e agora foi vetado de acordo com o artigo 112, da Lei dos Estrangeiros, por falta de “bom comportamento”. Fontes do governo chegaram a afirmar como forma de intimidação, que o presidente da UNE pode até ser expulso do país. “Espanta-me a facilidade com que os presidentes das multinacionais que espelham o país transitam nos meios governamentais. Contra estes não existem obstáculos, ao contrário, o governo os incentiva. Mas quem se coloca ombro a ombro ao lado do povo sofre discriminações.”

Como forma de impedir que Javier sofra sanções do governo a União Estadual dos Estudantes de São Paulo encabeça um movimento a nível nacional, exigindo a naturalização imediata do líder estudantil. Telegramas de entidades democráticas e populares devem ser enviadas ao ministro da justiça e atos de desagravo serão realizados em vários Estados.



A Vale aplica na infra-estrutura das multinacionais

Novo lance entreguista do governo em Carajás

No último dia 28, o Conselho Interministerial do Programa Grande Carajás deu uma rasteira na Vale do Rio Doce. A estatal, que por direito legal pode explorar os metais da região, está correndo o risco de perder o manganês, o níquel e o cobre.

A situação parece simples à primeira vista. O governo, em mais um ato entreguista, arranca os direitos de exploração da Vale, uma empresa estatal, e abre uma concorrência, criando brecha para o capital internacional. Acontece que Carajás é talvez o polo mineral mais rico do mundo, disputado pelos grandes monopólios nacionais e internacionais.

O Sindicato dos Engenheiros, a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e várias entidades democráticas protestaram contra a medida e ameaçam entrar com ações judiciais. A própria Companhia Vale do Rio Doce diz que seria mais “racional” que ela explorasse o manganês, porque o metal está situado dentro das suas jazidas de ferro.

A Vale do Rio Doce é um truste estatal gigantesco, cuja receita anual equivale ao dobro do Produto Bruto da Nicarágua, mas sua taxa de endividamento passa de 40% e só neste ano deve se endividar em mais Cr\$ 200 bilhões. O faturamento da Vale é feito através da exportação em grande escala do minério de ferro. Mas, como o mundo capitalista vive uma crise profunda, há três anos que a siderurgia tem queda na produção, a Vale exporta cada vez mais, por menos dinheiro.

A VALE NO BURACO

Pressionada pela situação do mercado de ferro, a Vale se lançou na Amazônia, buscando explorar outros metais. Associou-se com estrangeiros (por exemplo, a Shell em Trombetas) e começou a investir em Carajás. Contudo, mesmo que a Vale queira se expandir e diversificar suas operações, não é este o papel que lhe reservaram o governo e os trustes internacionais. Há dois anos que os ministros da Fazenda,

Planejamento, Minas e Energia e até o Presidente da República viajam pelo mundo tentando vender Carajás para os grandes grupos.

O recado dos imperialistas foi claro: o governo deve primeiro construir a ferrovia na região, explorar o ferro para pagar o resto do processo, construir usinas hidrelétricas, hospitais, cidades, portos, estradas, criar incentivos fiscais, fazer pesquisas minerais, etc. Somente depois da infra-estrutura implantada é que o capital internacional chegará. E a Vale do Rio Doce se meteu nesse buraco. Vai gastar mais de 2 bilhões de dólares no Ferro-Carajás e na infra-estrutura necessária. E na hora de faturar o melhor negócio — manganês, níquel e cobre —, vê a oportunidade de lhe escapar das mãos.

Com isso, pretende-se tirar a Vale da jogada ou obrigá-la a se associar com os grupos estrangeiros. Um dos principais interessados nessa manobra é o Bethlehem Steel/Hanna Corporation, que monopoliza o manganês no Brasil, cujas reservas, no Amapá, estão chegando ao fim.

Defender a grande empresa estatal, sem questioná-la politicamente, sem questionar o Estado, é na verdade defender a grande burguesia monopolista, principalmente a estrangeira. As grandes empresas estatais são tão capitalistas como as outras empresas nacionais. Elas atuam como auxiliares dos grandes grupos, apesar de às vezes entrarem em choques de interesses. Por isso, não devemos esperar grandes reações da alta cúpula da Vale do Rio Doce. Afinal, ela faz parte da pequena minoria que administra nosso país. Quem perde mesmo é o povo, com o investimento estrangeiro direto e com a traiçoeira dívida externa. (Luiz Gonzaga)

Figueiredo de conchavo com o bandoleiro Reagan

Esta semana, o general Figueiredo estará em Washington, abraçando e conversando amistosamente com o bandoleiro Ronald Reagan, o mesmo que agride a América Central e fornece bases e informações militares para a Inglaterra na guerra das Malvinas.

O governo brasileiro manifestou-se em favor do governo argentino na crise das Malvinas. E tem razões de sobra para isto. Apesar da disputa de longa data com este país em diversas questões, os generais brasileiros sabem muito bem que a queda do regime militar argentino pode impulsionar o movimento democrático lá e aqui, como em todo o continente.

Mas, por outro lado, o regime militar brasileiro está atolado até o pescoço na dependência ao imperialismo, devendo mais de 70 bilhões de dólares aos banqueiros norte-americanos e europeus. E por isto mesmo, prefere não falar muito para não se complicar. O ministro do Exterior, Saraiva Guerreiro, já manifestou esta preocupação, dizendo que o conflito pode atrapalhar a situação do Brasil junto aos círculos financeiros internacionais. E que o apoio à Argentina “não é absoluto”!

Por isto mesmo, apesar do apoio à Argentina, o general Figueiredo resolveu manter a sua viagem aos Estados Unidos na próxima semana. O fato dos EUA adotarem claramente uma posição favorável à Inglaterra foi considerado secundário pelos governantes brasileiros — eles argumentam que

a viagem já estava marcada há muito tempo e não tem nada a ver com o conflito. Mas ninguém é inocente a tal ponto, para pensar que este assunto não vai ser tratado.

Além da questão financeira, os militares brasileiros aproveitam o conflito para justificar o seu espírito belicista. O ministro da Marinha já anunciou que agora a opinião pública deve ficar favorável ao fortalecimento imediato de nosso poder naval.”

POLÍTICA PENDULAR

Os Estados Unidos tratam também de manobrar. Sempre a política externa americana adotou uma atitude pendular. Ora se apóia na Argentina para reduzir o peso do Brasil na América Latina, ora se apóia no Brasil para limitar a Argentina. Agora, o peso pende para o Brasil.

E, já no fim do mês passado, o vice-secretário da defesa dos EUA, Frank Carlucci, esteve no Brasil e declarou que em conversas com Figueiredo trocou idéias sobre “a situação no Atlântico Sul, do Caribe, do Oriente Médio e sobre a situação geral do balanço de poder”. E mais do que isto, afirmou que brevemente serão **restabelecidas** as relações militares que foram interrompidas em 1977. Ele disse que desde 1979 os Estados Unidos começaram uma mudança nas relações com a área militar brasileira e que agora estas relações estão “muito boas”.

Por tudo isto, desta viagem o povo brasileiro só pode esperar mais dependência e mais acordos lesivos aos interesses nacionais.

Os novos casuísmos do regime militar

O regime militar anunciou novas medidas “políticas”, no último fim de semana. As principais são a volta do quorum de 2/3 para a aprovação de mudanças na Constituição pelo Congresso e o adiamento para 1986, da exigência de no mínimo 2,5 milhões de votos para os partidos serem oficialmente reconhecidos pelo governo. Esses são os resultados de uma reunião “para discutir casuísmos”, como afirmou um parlamentar.

Quando os militares perderam a maioria de 2/3 do Congresso, o general Geisel baixou o “Pacote de Abril”, impondo o direito da Arena alterar a Constituição no parlamento através da maioria simples. Agora, que o PDS vê-se na iminência de ficar em minoria, com as próximas eleições, os generais voltam à regra antiga. Pretendem impedir que a oposição mexa na Constituição outorgada pela Junta Militar.

COINCIDÊNCIA DE MANDATOS

O governo já está alterando inclusive as reformas eleitorais, que ele mesmo impôs recentemente: adia para as eleições de 86 as atuais exigências de votação mínima para o funcionamento dos partidos, socorrendo o PT, PTB e PDT, que se viam em dificuldades para cumprir as absurdas exigências legais. E, pasmem, o governo ainda propõe a fixação em cinco anos dos mandatos dos prefeitos e vereadores, acabando com a coincidência das eleições e dos mandatos! O mesmo governo que, dois anos atrás, adiou as eleições de prefeitos e vereadores para que elas coincidisse com as eleições de novembro próximo!

E tem mais: o Planalto acena com a “volta das prerrogativas do Congresso”, embora mantenha o arbítrio da aprovação de suas propostas pelo truque do “decurso de prazo”. E ainda propõe mudanças para as eleições de 86, anunciando para elas o voto distrital misto ... Como comentou o presidente do PMDB, Ulisses Guimarães: “Não podemos entender como o governo revela preocupação com 86, quando não temos as regras do jogo definidas para 82.”

MONOPÓLIO DO PODER

O pomposo título de “Conselho Político do governo” é dado à reunião de um mingado número de serviços do regime militar: Abi Ackel, Nelson Marchezan, Nilo Coelho, Cândido Sampaio, José Sarnei, coronel Jarbas Passarinho e o chefe da Casa Civil, Leitão de Abreu, que atualmente dá o tom desses conchavos. E tão pequeno grupo, abriga grandes divergências. Ao sair da reunião do dia 5 último, um de seus participantes confessou que nela houve um “pequeno tumulto”, e o coronel Passarinho, visivelmente contra-

riado com as discussões, tidas a portas-fechadas, desabafou que “preferia até não se lembrar do que havia sido debatido”.

É que o conflito de interesses entre as classes dominantes aguça-se dia a dia. Os generais não confiam sequer no seu partido, o PDS. Assim, por exemplo, apesar do PDS ter uma comissão especial para propor ao Congresso emenda restabelecendo parte das prerrogativas parlamentares, o governo se antecipa e deixa claro os limites dessas prerrogativas — seu direito de legislar através do decurso de prazo continua ...

Contrastando com o controle rigoroso do poder pelo grupo palaciano, cresce a oposição popular e, com ela, a defesa da Constituinte livre e soberana, convocada por um governo provisório, que substitua o domínio da nação pelos generais. A aspiração legítima dos democratas é jogar na lata de lixo da história a Constituição outorgada pela Junta Militar, junto com o regime que lhe deu origem.

OAB reafirma a defesa da Constituinte

A 9ª Conferência Nacional da Ordem dos Advogados do Brasil, realizada em Florianópolis entre 2 e 6 de maio, mais uma vez ratificou a posição dos advogados brasileiros, que desde 1978 vêm defendendo a convocação da Assembleia Nacional Constituinte.



Raimundo Faoro

Como ficou expresso na Carta de Florianópolis, “a convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte, livre e soberana, é a única forma capaz de legitimar o poder e o ordenamento jurídico nacional.”

Todas as comissões convergiram para um ponto comum: o reconhecimento da ilegitimidade do atual regime, que não proveio do consentimento popular. Como afirmou o jurista Raimundo Faoro, ex-presidente da OAB. “É neces-

sária a recuperação da legitimidade do poder, somente possível através da participação da sociedade nas decisões do governo. As decisões tornam-se competentes quando tomadas pelas autoridades legitimamente escolhidas pela participação de toda a sociedade. Esse sistema precisa ser consubstanciado na sua fórmula jurídica, mediante uma Constituição adequada.”

(J. Messias de Souza)

Oposição é o alvo da cúpula do PT

O sr. Francisco weffort, até pouco tempo dizia que as eleições para governador só serviriam para o PT organizar o partido. Mas agora, este teórico da Comissão Executiva Nacional do PT mudou de idéia. Em artigo na Folha de São Paulo do dia 30 de abril ele afirma que em São Paulo, com Lula na cabeça, o PT vai “jogar para ganhar”. E diz claramente que “o fundamental da disputa eleitoral se dará na área da oposição” e que “a partida decisiva vai ser entre Lula e Montoro e não entre Montoro e Reinaldo”. Confirma assim o que todo mundo vem dizendo: que o PT faz o jogo do regime militar.

Para justificar sua atitude, de lutar contra a oposição e não contra o PDS de Maluf, ele argumenta que a maioria do eleitorado já é mesmo de oposição e que Reinaldo “não tem fôlego para uma campanha como esta”, está fora do páreo. Este argumento não convence ninguém. O que fica evidente para todos é uma posição divisionista que só interessa ao PDS e que favorece ao candidato de Maluf, Reinaldo de Barros. Para os trabalhadores, a luta principal é derrotar o governo e o PDS nestas eleições, e seria bom o PT reconsiderar sua posição de jogar contra a oposição e facilitar a vitória do Maluf nas eleições.

Brizola usa a TV para conciliar com o regime

Durante uma hora, o Partido Democrático Trabalhista, o PDT de Leonel Brizola, expôs seu programa em rede nacional de rádio e TV na noite do dia 21. No programa ficou clara a preocupação conciliadora do PDT, que pouco falou no combate ao regime militar.

O próprio J.G. de Araújo Jorge, deputado do PDT do Rio de Janeiro, ficou decepcionado com a timidez dos oradores de seu partido no programa: eles nem sequer pareciam membros de um partido de oposição. “É preciso saber de que mundo é o PDT que se apresentou na televisão. Se de Marte ou de Vênus, porque daqui deste planeta não pode ser”. Conforme ressaltou Odacir Klein, líder do PMDB na Câmara Federal, o PDT sonhou com o futuro, ao invés de criticar o governo atual.

PARTIDO DE REFORMAS

Se por um lado a legislação arbitrária que permite a privatização da rede de rádio e TV limita os pronunciamentos oposicionistas, a própria concessão do



Brizola: opositorista, mas não muito, para não parecer “radical”

horário apenas para o PDT fez parte de uma manobra. No programa, o partido de Brizola fez propaganda de sua visão reformista de mudanças na sociedade. Ele próprio destacou que seu partido é “um partido de reformas”, que não quer mudanças radicais na economia e na situação social do país.

Apesar de se referir às “mais de sete mil empresas multinacionais que se instalaram no Brasil a custa de incentivos” e que se aproveitam da “mão-de-obra vil e do arrocho salarial”, ele confessou que a proposta do

PDT não visa acabar com a dominação imperialista, mas sim “controlá-la”. “Chegamos a admitir a sua presença”, confirmou o presidente do PDT.

Remotíssimas foram as vezes que os oradores do PDT falaram no mal que causam ao país os generais no poder. Pouco se falou do regime autoritário, ditatorial, que impede o povo de se expressar. Numa das vezes, Brizola se limitou a pedir às “autoridades” que “compreendam que está na hora de deixarem o governo, de abrir espaço para as novas gerações”.

Boicote do PDS deixa o funcionalismo sem o 13º

Devido ao boicote do PDS, o Congresso deixou de aprovar no dia 29 de abril a emenda constitucional instituindo o 13º salário para os servidores federais, estaduais e municipais. O funcionalismo, que já não tem direito ao reajuste semestral, continua também sem o 13º!

"Já é tradição o partido do governo não dar quórum para as sessões do Congresso que vão votar vantagens para os trabalhadores", desabafa o vice-presidente da Confederação dos Servidores Públicos e Cíveis do Brasil, Oscarlino Marçal. "Isso já aconteceu antes, quando foi apresentada a emenda do reajuste semestral. O governo estava com as cartas marcadas. Em dezembro, realizamos uma grande mobilização que

lotou as galerias do Congresso. O governo manobrou e conseguiu adiar a votação."

A época da votação do reajuste semestral, o governo militar havia ordenado aos políticos do PDS que votassem contra esse direito dos funcionários. Mas a mobilização dos servidores foi grande, e muitos parlamentares governistas, diante das ameaças do funcionalismo de realizar campanha eleitoral contra eles, começaram a vacilar sobre o cumprimento das ordens do Planalto. Percebendo o risco que corria, de ver o funcionalismo conquistar um direito legítimo já alcançado pelos outros trabalhadores — o reajuste salarial a cada seis meses —, o governo mudou de tática e ordenou a seus parlamentares que se retirassem do plenário. Com isso, a votação do reajuste semestral foi transferida para este ano.

CONGRESSO RENOVADO

Agora, com a votação da emenda do 13º, o governo ordenou ao PDS que não desse quórum à sessão onde ela seria aprovada. "Os parlamentares do PDS obedecem dócilmente ao governo", comenta Oscarlino Marçal. "O interessante é que as empresas privadas são obrigadas a pagar o 13º e o reajuste semestral, e o próprio governo não aceita essa lei. Não há o que justifique essa atitude." Agora a emenda do 13º será votada somente no próximo ano, ou seja, já com o Congresso renovado pelos parlamentares a serem eleitos em 15 de novembro.

O funcionalismo continua se mobilizando e, para junho próximo, está preparando o Congresso Estadual dos Servidores Públicos de São Paulo, onde serão discutidas formas de organização e luta em defesa de seus interesses unitários.

Leia e assinie a **Tribuna Operária**



Oscarlino Marçal: "O PDS está sempre contra o funcionalismo"

Motoristas e cobradores param a Visul em Suzano

Desde o dia 29 de abril, os motoristas e cobradores da empresa de ônibus Visul, em Suzano (São Paulo), estão em greve. Os trabalhadores reivindicam equiparação salarial com os motoristas do ABC, além do pagamento de horas extras e melhores condições de trabalho.

A paralisação é total, e a empresa contratou novos

funcionários para substituir os grevistas. Um comitê de apoio aos grevistas foi formado na cidade, que já recebeu inclusive uma moção de solidariedade dos trabalhadores da fábrica química Hoechst.

Os patrões têm se negado a negociar com os motoristas e seu sindicato. Segundo um grevista "o governo tem

participação nessa situação vivida por nós. Até o prefeito da cidade está colaborando com os donos da empresa, emprestando motoristas da prefeitura para fazer o nosso serviço. Não estamos procurando nada mais do que nossos direitos. E a resposta dos patrões e do governo é repressão. Mas é preciso lutar".

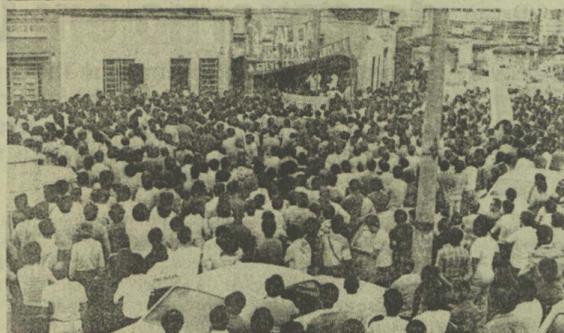
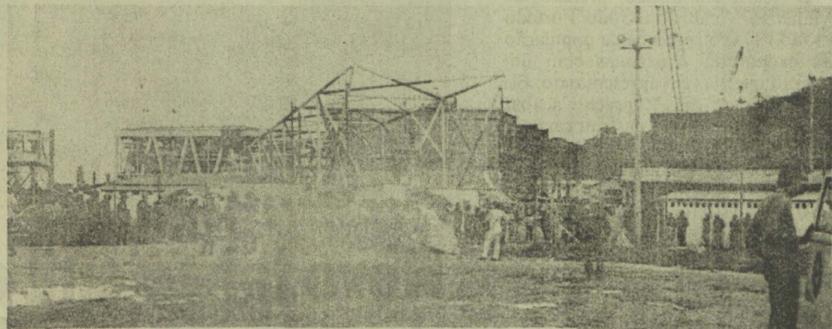
Cada metalúrgico com uma tarefa na greve de Niterói

Na assembléia do dia 3, os metalúrgicos de Niterói, no Rio de Janeiro, reafirmaram sua disposição de continuar em greve. O pessimismo de algumas lideranças sindicais, que promoveram o retorno ao trabalho, foi esmagado na votação. Agora, como afirma um boletim da Comissão de Mobilização, "cada grevista quer ter uma tarefa" — única forma de garantir o sucesso da paralisação.

O texto do boletim da Comissão de Mobilização é claro: "para alcançarmos a vitória é preciso redobrar nossos esforços e estarmos nos piquetes convencendo os mais inexperientes". Isto porque, segundo alguns metalúrgicos entrevistados pela Tribuna, num primeiro momento do movimento paredista pouco se utilizou o potencial de luta dos operários.

"Tinha sempre uns 40 a 50 metalúrgicos no Sindicato conversando, sem fazer nada. O pessoal da Comissão não dava tarefa prática para ninguém", comenta um metalúrgico. Poucos e fracos piquetes foram feitos no início da paralisação, o que trouxe uma impressão de fraqueza da greve. Agora é tornar a paralisação mais ativa. Realizar mais piquetes e novas manifestações, como a do dia 6, quando será julgado o dissídio coletivo pela Delegacia Regional do Trabalho.

Até agora o Sinaval (a entidade que congrega os patrões) não arredou um passo da sua proposta inicial de só conceder um míngua 3% de produtividade, quando a categoria dos 15 mil operários quer 15%. A intransigência patronal gera revolta nos trabalhadores, principalmente após saberem — através de um comunicado do Sindicato — os lucros das indústrias da construção naval. Em 1981, o CCN (Estaleiros Mauá) obte-



Policiais forçam a entrada do metalúrgico no estaleiro e não encontram piquetes pela frente. Abaixo, a assembléia decide continuar a greve e, que "todo grevista deve ter uma tarefa", para que a paralisação seja vitoriosa

ve lucro líquido de 3,2 bilhões de cruzeiros. A Mac Larem Estaleiros teve uma taxa de aumento dos seus lucros de 583% com relação ao ano de 1980, passando de 104 milhões para 707 milhões de cruzeiros!

E este lucro foi tirado a partir da sangria dos trabalhadores. Em 1980, os metalúrgicos de Niterói produziram em apenas seis dias, sete horas e 35 minutos o equivalente ao salário mensal e aos encargos sociais recebidos. O restante, do produzido nos outros 15 dias, uma hora e 15 minutos, foram para os bolsos dos patrões de graça, em forma de mais valia.

Esta exploração aumentou ainda mais em 1981. Cinco dias, três horas e 31 minutos de trabalho pesado equivaliam aos salários e encargos sociais mensais recebidos. Sendo o restante da produção dos operários — os 16 dias, cinco horas e 29 minutos — roubados pelos capitalistas. (da sucursal)

O exemplo da exploração dos metalúrgicos na Setal

A Setal, empresa do Grupo Monteiro Aranha, é uma mostra da exploração a que são submetidos os metalúrgicos de Niterói. A empresa constrói plataformas metálicas para a exploração de petróleo, e seus 1.500 trabalhadores exercem funções de metalúrgicos. No entanto, a Setal filia-se ao Sindicato da Construção Civil, onde controla a diretoria.

As condições de trabalho na Setal são péssimas. Nos últimos três meses, seis operários já caíram de suas plataformas de até 12 metros de altura. São ocorridos em carrinhos de mão. Houve inclusive, o caso de um operário enviado para casa de ônibus, após ser medicado na empresa; à noite teve que ir às pressas para o hospital, pois estava com os rins es-

tourados. Outro sintoma da exploração: há muita poeira em suspensão, o que afeta os olhos dos trabalhadores. Pois o médico da empresa, dr. Flávio, somente tapa a vista afetada e envia o trabalhador à obra!

Além disso, a Setal paga irregularmente as horas extras, e ameaça demitir operários que não aceitem "virar" 36 horas direto no trabalho. E ainda tem mais: A CIPA eleita na empresa é totalmente patronal. No dia de sua eleição, a urna já desceu do Departamento de Pessoal com 750 votos para os pelegos, e 4 empregados que disputaram as eleições em outras chapas foram demitidos. É assim que a Setal consegue seus lucros fabulosos. É assim que ela faz a exploração capitalista.

Professores param as aulas no Acre, Bahia e em Goiás

Os professores da rede oficial de ensino voltam a paralisar suas atividades, exigindo melhores salários e condições de trabalho dignas. No Acre, Goiás e Bahia, os professores estão enfrentando as ameaças e repressão governamentais, mas não desistem da luta. A solidariedade com os grevistas, da parte dos estudantes e comunidade, não se fez esperar.

O vice-presidente da Confederação dos Professores do Brasil, Manoel Pacifico, e os professores: Pascoal Tanos, Lázaro e Wilson, chegaram a ser presos, no Rio Branco, devido à greve dos mestres acreanos. Desde o dia 30 de abril os professores de 1º e 2º graus paralizaram as aulas, exigindo aumento de 70%, progressão funcional, contratação dos recebidos (professores que ganham por aulas dadas) e aplicação do Estatuto do Magistério. O governador Joaquim Falcão Macedo, até o momento em que era encerrada esta edição, nega-



Pichação no Acre: professores dão lição na luta por melhores salários

va-se a negociar com os grevistas. São mais de 2 mil professores que já não comparecem nas salas de aula, e o movimento está se alastrando pelo interior do Estado.

BAIANOS TAMBÉM PARARAM

Na Bahia, 50% dos maiores colégios da capital estavam paralizados já no segundo dia de greve, 4 de maio. No interior do Estado, o movimento também alastrava-se.

Jequié, Itabuna e Vitória da Conquista realizaram assembléias para decidir sobre a luta pelo aumento de 190% nos salários. A resposta do governador Antônio Carlos Magalhães às reivindicações dos professores foi a mesma de seus colegas dos governos do Acre e Goiás: ameaça de demissões. É o que une os governantes a serviço do regime militar — a repressão e o arrocho salarial.

ATO PÚBLICO EM GOIÁS

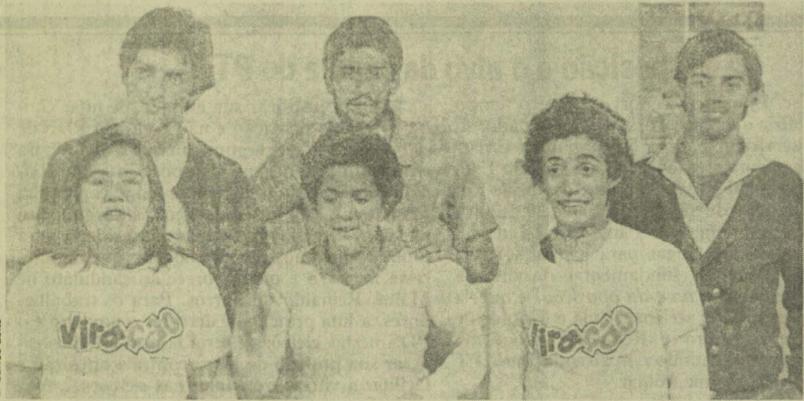
Os professores goianos da rede municipal e estadual, em greve há mais de 10 dias, realizaram dia 28 um ato público com a presença de cerca de 700 pessoas, para denunciar à população o descompromisso do governo com a educação. No ato, demonstrou-se insatisfação e força que o movimento adquiriu.

O governador Ary Valadão, tentando intimidar os mestres, está promovendo uma série de demissões arbitrárias, que já atingiu 130

professores. Mas o tiro está saindo pela culatra. As demissões aumentaram ainda mais a revolta dos professores, que pretendem levar adiante a greve até conseguir o atendimento de suas reivindicações. "A disposição dos professores, quando deflagram a greve, foi de continuar o movimento mesmo sabendo das pressões que receberiam", afirmou o presidente do Centro de Professores Goianos, Osmar Magalhães.

O secretário de Educação do Estado, Manoel do Nascimento, tentando encobrir sua responsabilidade pelas demissões dos professores, afirmou que elas foram realizadas a pedido de vereadores do PDS, entre os quais o fascista José Eduardo.

O movimento dos professores conta com o apoio da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES), Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal de Goiás e Sindicato dos Jornalistas de Goiás, entre outras entidades. (Das sucursais)



Alguns membros da chapa Viração a eleição da UPES. Marta é a primeira da esquerda

Secundaristas realizam eleições

De 11 a 13 de maio ocorreram as eleições para as diretorias da União Metropolitana dos Estudantes Secundaristas (UMES) e da União Paulista (UPES). Concorrem cinco chapas. Duas delas, a Alicerce e a Solidariedade, representam o pensamento isolacionista e cupulista das atuais diretorias da UMES e UPES. Graças a elas, até hoje não se conseguiu unificar as inúmeras lutas isoladas que ocorrem nas escolas.

Clarear e Chegou a Hora são chapas fruto de conchavos. E a Viração é que apresenta um programa de luta mais conseqüente. Marta Regina Maia, candidata a presidência da UPES pela Viração, explica alguns pontos do programa da chapa: "Achamos importante o secundarista se mobilizar para combater a lei 5692 do MEC sobre ensino profissionalizante, pois o governo quer com isso se desobrigar da educação. Também lutaremos pela suplementação de verbas nas escolas públi-

cas. Neste ano, o Maluf só aplicou 13,47% do orçamento na educação, o que leva os alunos a assumirem gastos com as escolas, através da APM e de festinhas. Quanto às escolas privadas, não aceitamos um tostão a mais do índice oficial".

Ela ressalta a importância da luta por liberdade nas escolas. "Hoje é difícil realizar qualquer atividade porque as diretorias impedem. Inclusive cassam chapas mais conscientes para os Centros Cívicos e Grêmios".

Diretoria da UNE repudia ação dos divisionistas

"A UNE repudia a articulação divisionista dirigida por certos diretores do Diretório Central dos Estudantes da Universidade de São Paulo e da União Estadual de Estudantes do Rio Grande do Sul", declarou à Tribuna Javier Alfaya, presidente da entidade nacional dos estudantes.

"Estes companheiros têm uma visão equivocada do movimento estudantil. Eles

pensam que é preciso mudar toda a política da UNE, porque não conseguem ver o avanço das lutas e pensam que só temos derrotas. Depois, apelam para argumentos falsos, espalhando que não realizaremos o Conselho da Entidades de base (Coneb) na data prevista, em julho. Com isto, convencem colegas pouco informados a exigir uma reunião agora. Eles criam confusão para promover a divisão. Querem

criar um polo paralelo de decisões dentro do movimento estudantil."

"A UNE sempre respeitou as diferenças de opinião e sempre garantiu a democracia cumprindo decisões da maioria. Mas não admite o divisionismo. Isto nos enfraquece e só ajuda ao regime militar. Convido os colegas a refletirem sobre isto", conclui Javier.



Pascoal e Pacifico foram presos na greve do Acre

Justiça do patrão age rápido contra operários do ABC

Há um novo clima de expectativa entre os metalúrgicos de São Bernardo, no ABC paulista. Os patrões afirmam que o pagamento do mês de maio só virá com 4% de aumento de produtividade. Os metalúrgicos aguardam os 7% determinado pelo julgamento no Tribunal Regional do Trabalho. E muitos afirmam que "se no dia 10 o pagamento não vier certo nós vamos entrar em greve".

Logo após a decisão do Tribunal Regional do Trabalho, que concedeu 7% de produtividade aos metalúrgicos de São Bernardo e de mais quatro cidades do interior, a Fiesp — órgão dos empresários paulistas — pediu suspensão da sentença ao Tribunal Federal do Trabalho. O TST imediatamente atendeu a exigência patronal, e determinou, que até o novo julgamento do dissídio coletivo, os metalúrgicos só receberão 4% de produtividade.

A Fiesp, tentando se passar por vítima da crise econômica e encobrir o jogo de pressão sobre a "justiça trabalhista", argumentou que mesmo ela ficou descontente com a decisão do TST. "Não concordamos com os 7% do TRT e nem com os 4% do TST, porque são índices muito altos, não condizem com a realidade que

estamos vivendo", afirmou Roberto Della Mana, responsável da Fiesp pelas negociações com os operários.

JUSTIÇA DO PATRÃO

Agora, quem ficou revoltado mesmo, com a falta de neutralidade da "justiça" e a pressão dos patrões, foram os operários. A maioria já tinha como certo o aumento de 7% acima do INPC e havia feito os cálculos sobre o salário atual. Segundo alguns membros da diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, o descontentamento dentro das fábricas, principalmente as maiores, é grande. "Há vários setores que falam em fazer greve contra esta medida do governo", comenta Jair Menequelli, presidente do Sindicato.

"O engraçado, explica Jair, é que, quando nós, na greve de 1980 pedimos suspensão da decisão do TRT de São Paulo, o TST não acatou o pedido. Agora, quando os patrões pedem, este órgão atende imediatamente. Por aí a gente vê qual o caráter desta nossa "justiça". Ela serve apenas aos patrões".

Nos dias 7 e 8 de maio, ocorrerão as assembleias na sede do Sindicato, que decidirão qual a postura da categoria frente a decisão do TST. O Sindicato acredita que, se não sair greve geral da categoria, pelo menos haverá paralizações por fábricas.

Partido sindical não serve

Um velho sonho da burguesia é reduzir a luta operária aos sindicatos. Isto porque os sindicatos têm fundamentalmente o papel de resistir à exploração capitalista, mas não chegam a colocar o próprio sistema capitalista em perigo. Por outro lado, um partido proletário tem como objetivo dirigir a revolução e construir o socialismo.

Em entrevista à Folha de São Paulo, no dia 1º de maio, Vicente de Paulo e Jacó Bitar, dirigentes sindicais do PT, expressaram esta concepção sindicalista. Um diz que "o partido político deve ouvir e se deixar influenciar pelo sindicato". E o outro que "os sindicatos precisam transformar os partidos em seus instrumentos".

Quando já não é possível conter a luta política dos trabalhadores, as classes dominantes tratam de estimular a formação em seu interior de partidos "sindicalistas", que desenvolvam uma política reformista, usando uma linguagem muitas vezes inflamada. Tratam de fazer uma política limitada a reivindicar concessões do Estado burguês evitando uma política revolucionária. É o caso do PT atualmente.

Pelo contrário, um partido proletário, como vanguarda, deve procurar ajudar os sindicatos a elevar a sua política classista e ter uma atividade mais consequente. E não ficar a reboque do sindicato. Isto não impede de fazer uma política sindical unitária, respeitando as diferenças de opinião entre os trabalhadores. Diferentemente do PT, que faz uma política exclusivista e divisionista.

Trabalhador amazonense morre de tétano dentro do hospital

José Almir da Silva, desenhista publicitário, estava de serviços no Frigorífico Cavalcante, em Manaus, quando caiu de uma escada. Socorrido imediatamente pelos companheiros, foi levado ao Hospital dos Acidentados, onde constatou-se uma fratura sem maior gravidade num braço. Doze dias depois ele morria, vítima de tétano contraído no próprio hospital!

médicas e sanitárias permitem que hospitais como este continuem funcionando.

INDÚSTRIA DA DOENÇA

O Hospital dos Acidentados havia submetido José a uma operação sem as mínimas condições de assepsia, sem aplicar soro antitetânico ou outro que prevenisse a proliferação de germes patogênicos. Só oito dias depois, um médico do hospital disse a Rosane da Silva, irmã do paciente, que comprasse ela mesma o soro. Mas já era tarde.

Não se espera, no entanto qualquer providência, afora o "rigoroso inquérito" de costume, que nunca apura nada. O secretário de Saúde, assim como o superintendente do INAMPS e as demais autoridades sanitárias do Amazonas, são todos médicos comprometidos com a indústria da doença. Alguns são diretores de casas de saúde, outros sócios, outros ainda, têm compromissos com as multinacionais da indústria farmacêutica. Também não querem "ficar mal" com seus colegas.

Antes de morrer o trabalhador ainda foi removido para o Hospital de Moléstias Tropicais, por insistência dos familiares. Ali, o Dr. Bessa constatou a responsabilidade do Hospital dos Acidentados, onde, segundo declarações de uma assistente social, não é a primeira vez que um paciente contrai a fulminante enfermidade.

A viúva de José Almir, Ângela, desesperada com o fim trágico do marido, pergunta através da Tribuna, porque as autoridades

A reportagem da Tribuna Operária esteve no Hospital dos Acidentados depois do episódio e constatou in loco que o atendimento continua precário. Vê-se camas com lençóis visivelmente sujos, moscas, detritos de lixo. Culpa de quem? Dos trabalhadores assalariados que religiosamente descontam suas contribuições agora aumentadas para a Previdência Social? Ou do sistema previdenciário, privatizante e sabidamente falido, que se implantou no país depois de 1964?

(da sucursal)



Cerca de 5 mil pessoas compareceram ao ato do Dia Internacional dos Trabalhadores na capital paulista



Como foi este 1º de Maio

As comemorações do Dia Internacional dos Trabalhadores foram caracterizadas pelo protesto e luta dos proletários brasileiros, e também, pelo pouco empenho na convocação dos atos públicos, da parte das entidades sindicais. Em todo o país, foi realçada a necessidade de por fim ao regime militar e conquistar amplas liberdades para os brasileiros.

Em São Paulo, principal centro operário do país, cerca de 5 mil trabalhadores se concentraram na praça da Sé. O grande destaque foi as bandeiras vermelhas do Partido Comunista do Brasil, espalhadas pela praça. Os discursos dos dirigentes sindicais e de entidades populares foram marcadamente oposicionistas. O representante da Comissão Pró-Central Única dos Trabalhadores, Raimundo Rosa da Silva, afirmou que "não é só através do voto que a classe trabalhadora vai conquistar o poder, mas temos de começar com o voto e depois lutar para alcançar esse poder".

Seu Luís Pereira, um pernambuco de 84 anos, disse: "Neste Brasil a coisa anda de pior a pior, porque não temos um governo honesto. O pacote da Previdência é o maior roubo aos pobres que já se viu no mundo. Tem que tirar este governo, de qualquer jeito!"

Em São Bernardo, um colono gaúcho, de Ronda Alta, foi muito aplaudido pelos 5 mil trabalhadores presentes, ao afirmar: "A única forma de resolver o problema do campo e terminar de vez com o latifúndio é distribuir a terra para todos os lavradores." Fato negativo foi o apoio dado pela comissão organizadora do 1º de Maio local ao divisionismo de diretores do Sindicato dos Bancários de São Paulo, que boicotaram o ato público da capital para participar do de São Bernardo

FRACA PREPARAÇÃO

Em Belo Horizonte, apesar da preparação e organização fracas (não foram colados cartazes de divulgação nas ruas e nem houve convocação nas portas de fábricas), 1.500 pessoas se concentraram na Praça dos Trabalhadores. Também no interior mineiro foram realizadas concentrações.

No Rio de Janeiro, mais de 2 mil pessoas foram ao Campo de São Cristóvão, onde predominavam as faixas de candidatos às eleições de novembro e quase nenhuma faixa de entidades sindicais. Estiveram presentes os metalúrgicos de Niterói e São Gonçalo, em greve há uma semana, e da Ciferal, que não recebem seus salários desde dezembro. A repressão policial agiu desde a véspera do 1º de Maio, prendendo várias pessoas que colavam cartazes convocando o povo para o ato. E ainda na saída da manifestação foram presas 15 pessoas, retiradas brutalmente dos seus veículos e colocadas à força nos carros da polícia.

SÍMBOLO DA RESISTÊNCIA

No Rio Grande do Sul o 1º de Maio classista foi em São Leopoldo. Paulo Paim, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Canoas, salientou que "cabe aos trabalhadores assumirem sua luta, ombro a ombro, ou se submeterem à morrer na miséria. Nem que seja a ferro e fogo formaremos uma sociedade justa e sem exploração." Participaram 500 pessoas da manifestação. Entre os presentes, o operário Lauri, mutilado recentemente no Polo Petroquímico pela repressão. Foi saudado como símbolo da resistência da classe operária. (das sucursais)

Presença destacada do PC do B

Um fato novo, no 1º de maio este ano, foi a presença marcante do Partido Comunista do Brasil. Na Praça da Sé, em São Paulo, militantes com grandes bandeiras ocuparam locais de destaque na manifestação. Quando foi anunciada a presença de uma delegação do Partido, ouviu-se em toda a praça um "Viva o PC do Brasil!" No final da manifestação, os comunistas entoaram o hino da Internacional. Em São Bernardo, apesar da hostilidade de ativistas do PT, boa parte dos trabalhadores apoiou as palavras de ordem dos comunistas, e deu vivas ao Partido.

No Rio, por exigência do público, que gritou insistentemente seu nome, Elza Monnerat, em nome do PC do Brasil, discursou saudando a comemoração e salientando o seu caráter internacionalista. Em Salvador da Bahia, foi feita



A presença destacada do PC do Brasil no 1º de Maio da praça da Sé distribuição de uma nota assinada anticomunista semelhante à da pelo Partido e, em Camaçari foram repressão, alguns ativistas do PT feitas pixações em toda a cidade. Em São Bernardo, numa atitude bandeira do PC do B.

Na Albânia a festa do trabalho livre



1º de Maio no socialismo; a faixa diz: "Albânia, país sem impostos"

Provavelmente, nenhum líder sindical de outro país pôde dizer neste 1º de Maio o que disse Haidarin Cheliku, do Conselho Geral das Uniões Profissionais da Albânia: "As pessoas em nossa terra são felizes, seguras do presente e otimistas quanto ao futuro. Nossa economia socialista não conhece a crise, o desemprego, a inflação e outras pragas".

Como de costume, Tirana parou no 1º de Maio. Dezenas de milhares de pessoas participaram do desfile pela Avenida "Mártires da Nação", cantando e dançando. Nas mãos levavam faixas, cartazes, bandeiras, flores, retratos de Marx, Engels, Lênin e Stalin, e dos dirigentes do PTA. Na calçada, um número ainda maior assistia e aplaudia.

Neste primeiro ano após o 8º Congresso do Partido do Trabalho, os albaneses arregaçaram as mangas para cumprir e ultrapassar as metas do 7º plano quinquenal, amplamente discutido em cada fábrica. "Este é o primeiro plano, em que contaremos exclusivamente com nossas próprias forças" — diz uma faixa, aludindo ao corte de toda ajuda econômica por parte dos chineses, a partir de 1978.

Há muito tempo não se discute na Albânia qual a força capaz de conduzir os trabalhadores nesta batalha pela felicidade. Em harmonia com o entusiasmo da multidão, os cartazes proclamam: "A unidade entre o partido e o povo é a chave de todas as nossas vitórias"; "O marxismo-leninismo é a ideologia dominante na Albânia".

SANGUE NO 1º DE MAIO

Bem distinto foi o quadro do 1º de Maio nos países capitalistas, e também nos do socialismo falsificado. Na cidade do Porto, em Portugal, uma provocação combinada pela polícia e a central sindical divisionista UGT terminou em tragédia. A UGT — fomentada pelos partidos social-democratas e direitistas — reúne uma reduzida minoria de sindicatos, mas tentou impedir a tradicional manifestação da central unitária — a CGTP. A polícia interveio em ajuda aos divisionistas e, ao final, matou dois operários, de 18 e 20 anos de idade. Enquanto isso, na Polónia dita "socialista", as tropas do general Jaruzelski investiram contra trabalhadores, que condenavam a ditadura.

Como é o Sindicato socialista

O 1º de Maio deste ano coincide com os preparativos do 9º Congresso das Uniões Profissionais — os sindicatos albaneses. A Albânia socialista possui um sindicalismo forte, com impressionante participação de massas e com sua Central Única, embora trate questões completamente diferentes das que afligem o trabalhador no capitalismo.

Para começar, não existem patrões. A construção do socialismo acabou com a burguesia enquanto classe. Ninguém é empregado de ninguém, a exploração do homem pelo homem virou peça de museu. A sociedade é composta apenas por operários, camponeses e intelectuais, todos trabalhadores. E, a distribuição da renda é a mais equitativa do mundo — a diferença entre o maior e o menor salário do país não chega a dois para um.

PREVIDÊNCIA DE GRAÇA

A carestia de vida é desconhecida na Albânia, ao contrário, conforme a economia se desenvolve os preços baixam. E o poder popular impede, que a inflação mundial atinja os consumidores albaneses através das importações.

Também não existem problemas nem "pacotes" na área da Previdência Social. Todos os albaneses recebem gratuitamente assistência médica, dentária e hospitalar, aposentadoria, pensões, sem descontar um só tostão dos seus salários.

A reforma agrária é assunto resolvido há 36 anos. Hoje os lavradores trabalham coletiva-

mente em cooperativas agrícolas, e levam uma vida cada vez mais parecida com a da cidade. **EM PÉ DE IGUALDADE**

Muitos trabalhadores brasileiros podem se perguntar para que serve, então, o Sindicalismo na Albânia. Mas os sindicatos têm uma vida bem mais intensa que os nossos, com participação da quase totalidade dos trabalhadores de cada empresa.

Ali, as Uniões Profissionais promovem frequentes assembleias, onde todas as questões são discutidas, desde a produção até a situação internacional; e do uso das colônias de férias na montanha ou na praia às tarefas de defesa da pátria, pois todo trabalhador é também um soldado do exército popular.

Os diretores, engenheiros, etc. participam da vida sindical em condições de total igualdade com seus companheiros de empresa. Se algum deles comete erros, burocráticos, por exemplo, é castigado, às vezes duramente. Todos consideram-se trabalhadores livres e iguais, com o mesmo objetivo de avançar na construção do socialismo. Enquanto isso, na Polónia dita "socialista", os trabalhadores investiram contra trabalhadores, que condenavam a ditadura.

Exploração na Lotafllu causa cegueira e morte

O senhor Manuel Marino dos, Santos, morador há 15 anos no Morro do Estado, em Niterói, conta o que os patrões fizeram com ele, quando ficou cego do olho direito. Seu Manuel trabalha há qua-

tro anos na Lotafllu, arrumando tabuleiros de feira, de madrugada. No dia 12 de maio de 1981, terça-feira, por volta das 7 horas ele montava os tabuleiros, quando uma ripa caiu em sua vista. Mesmo

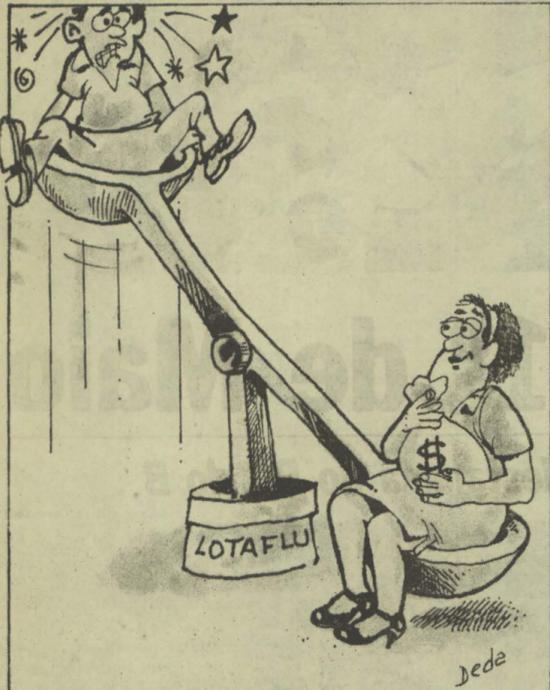
machucado, continuou a trabalhar, pois a firma não tem médico. À tarde, sentindo muita dor, foi para um posto do INPS onde o encaminharam à Clínica de Olhos Santa Beatriz.

Seu Manuel perdeu a vista; quando foi operado, já estava cego. Ele foi procurar o INPS e lá, disseram que não precisava fazer perícia, e já podia voltar para o trabalho. Hoje, ele trabalha com muito sacrifício, quase cego da outra vista, porque não tem óculos e o olho dói muito quando é forçado.

Dona Olinda Guedes Ferreira, a dona da Lotafllu, nunca deu nenhuma assistência aos trabalhadores. Não paga os atestados médicos. "Quando estamos doentes, ela rasga o atestado médico na nossa frente, faz ameaças, diz que vai colocar a gente na rua."

"Há um ano atrás morreu o Mulato, companheiro bom, esmagado numa parede pelo caminhão, de madrugada, dentro da Lotafllu. Dona Olinda escondia a verdade. Dizia à família que o Mulato morreu de susto."

"Mas os companheiros sabem quem matou o Mulato. Foi a Lotafllu, na guerra pelo lucro." (um operário - Niterói, Rio de Janeiro).



Rio das Pedras vai à luta contra a lama que mata

Rio das Pedras, em Jacarepaguá, Rio de Janeiro, está numa área de grande especulação imobiliária e, por isso, no olho das grandes construtoras. Ali, a uma hora de ônibus do centro da cidade, vivem 13 mil habitantes e o transporte é um dos maiores problemas da população. As passagens, com a implantação da tarifa única, dispararam para uma faixa de mais de 55 cruzeiros, quando a maioria ganha salário-mínimo. Outro problema é a falta de saneamento básico. As valas de esgoto causam inúmeras doenças.

Existe o caso do seu Francisco, que morreu porque foi limpar uma vala sozinho e puxou a lama para cima dos pés. Foi internado com febre e morreu 12 horas depois.

Seu Antonio Ramos, pai de oito filhos, está há sete anos encostado no INPS por uma doença contraída na lama, que acabou dando problemas de circulação. Ele já fez seis operações. Na última, ampu-



No esgoto a céu aberto a lama que causa febre e até mata

taram parte do seu pé esquerdo. Seu filho, Roberto Ramos, quatro anos de idade, caiu na lama do esgoto e acabou contraindo uma febre que perdurou vários dias.

Alguns moradores se reuniram e decidiram que vão organizar uma passeata até a

Administração Regional, com faixas e cartazes, para pressionar as autoridades. Se possível irão até acampar na porta da Prefeitura, para conseguir os mais elementares direitos de uma população, que trabalha e produz: saneamento, transporte e habitação. (um leitor — Rio de Janeiro)

Ônibus atrasado e indiferença do prefeito esgotam paciência do povo



Os moradores da Vila Bela Vista Alta e da Baixa, Itapevi, depois de esperar o ônibus

uma hora, se desesperaram e foram à Prefeitura falar com o prefeito. Ele disse que não

Riacho Novo é uma ilha de buracos cercada de asfalto por todo lado

Depois de um amplo processo de discussão, os moradores do bairro Novo Riacho elegeram uma nova diretoria para sua Associação. Com isso, iniciou-se um processo para reerguer a Associação, a confiança e a disposição de luta dos moradores. Razão de lutar é que não falta.

O Novo Riacho é um bairro essencialmente operário, com 30 mil habitantes, no coração de Contagem. É um dos bairros mais pobres. Como afirma um morador, "o

Novo Riacho é uma ilha de buracos e esgotos cercada de asfalto por todos os lados".

Por ali passa um córrego de esgoto dos bairros vizinhos. Sua profundidade, largura e imundície são uma grande ameaça à segurança e saúde dos moradores. Nos tempos de chuva, são frequentes os desabamentos nas margens, devido à terra fofa que a Prefeitura manda jogar ali.

A única rua pavimentada do bairro é usada como

passagem dos ônibus para o bairro vizinho.

Não tenho dúvidas de que só com a união dos moradores poderemos trazer melhorias. Para isto, a Associação precisa ter um trabalho ofensivo, organizar a luta de milhares de habitantes. A nova diretoria está disposta a quebrar o pau pela canalização do córrego, o calçamento das ruas e todas as outras reivindicações.

(A.S.A. — Contagem, Minas Gerais)



Tratorista espancado pelo patrão em Cáceres

Aconteceu no município de Cáceres, Mato Grosso. O operador de máquinas Walter, com 20 anos de profissão, que trabalhava na fazenda da Soteco, foi acusado por um dos donos da fazenda, João Correia, de ter quebrado um trator que se encontrava a cinco quilômetros de distância do seu local de trabalho.

O dono da fazenda reuniu vários capangas, cercou Walter e passou a espancá-lo com uma lasca de aroeira, não o matando porque a lasca se quebrou. Walter tentou reagir, mas encontrou um revólver nas mãos do patrão. Depois de surrá-lo bastante levaram-no para um barracão, onde o obrigaram a comer areia misturada com óleo queimado.

Depois deram-lhe um banho de salmoura e levaram-no para um

quarto, onde passaram uma corrente em seu punho, presa com cadeado, e prenderam com outro cadeado na mão francesa do barracão.

Walter permaneceu neste estado a noite toda, deitado numa cama, com os braços estendidos. Pela manhã, outro proprietário da fazenda chegou e mandou colocá-lo num avião e soltá-lo na Tabuleta, onde Walter conseguiu condução até Cáceres.

Aqui ele se encontra internado numa clínica recuperando-se da barbaridade de que foi vítima e aguardando providências da polícia. Se é que serão tomadas, pois aqui em Mato Grosso fatos como este e até piores são todos acobertados pela polícia com o aval do governo. (A. Cáceres — Mato Grosso)

Grupo Votorantim explora sete dias para dar um de folga

Nós, operários da Níquel Tocantins, do Grupo Votorantim, resolvemos procurar a TO para utilizá-lo como forma de informação e organização. Apontamos as seguintes arbitrariedades da empresa:

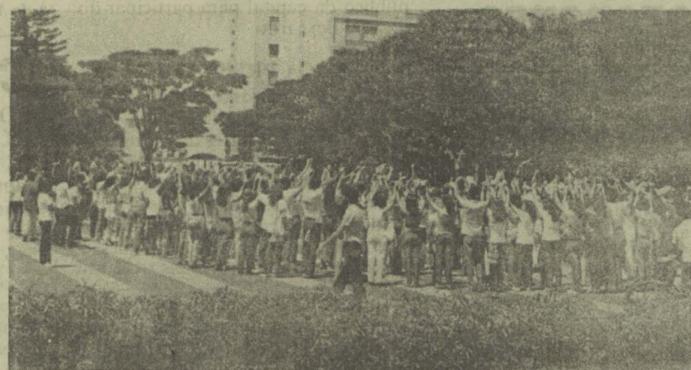
Ela é uma das poucas que ainda usa o horário absurdo de sete por um. Trabalhamos sete dias para descansar um. E ainda somos obrigados a fazer hora-extra, e dobrar em caso de não comparecimento do companheiro do turno seguinte.

Na produção, quando trabalhamos com carbonato de níquel, notamos que o pó verde penetra na pele e resseca tudo. Na área cinco, fase final da produção, sai o que interessa para a empresa — níquel. Mas sai também, o que não interessa aos companheiros — o gás, que provoca mal-estar. Em toda a fábrica existe uma poluição sonora capaz de causar surdez.

A Níquel não oferece uniforme, o

que para nós é muito importante, pois a roupa que usamos no dia-a-dia não resiste à solução química. O restaurante é só para a administração, os operários têm que comer marmitta ou lanches. O café foi cortado pela metade. E a enfermagem é uma negação, nem tem médicos, funciona simplesmente com um enfermeiro. No caso de um acidente grave, como já aconteceu, não sabemos o que fazer.

A Níquel não funciona com toda a sua potencialidade, mas mesmo assim existe uma grande rotatividade. Até os técnicos já estão temerosos, porque a empresa, aproveitando o desemprego, está admitindo engenheiros no seu lugar. O salário dos engenheiros, que estão indo para a área técnica, é bem inferior ao dos técnicos que já estão lá há mais de sete meses. Tudo isso acontece, porque o pessoal ainda tem medo de se organizar, pelo temor do desemprego. (operários da Níquel — São Paulo)



Os estudantes de Uberlândia foram às ruas e enfrentaram até a PM

Demissão injusta dá greve na escola

Desde o dia 1º de abril, a quase totalidade dos estudantes do curso de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia entrou em greve exigindo a readmissão de oito professores da área de Social e Comunitária. Os professores foram afastados por estarem procurando fazer uma deselitização da psicologia, ou seja, um ensino de psicologia voltada para o povo.

Este tipo de trabalho vinha obtendo um grande interesse e participação por parte dos alunos, mas o mesmo

não agradou a direção da universidade e alguns professores mais reacionários. Os oito professores foram acusados de serem "comunistas", e a direção arrumou um meio para que eles ficassem distantes do campus. Houve uma grande mobilização dos estudantes em apoio aos professores perseguidos. Durante uma passeata, a PM tentou dispersar os alunos, mas os universitários não se amedrontaram e foram até o fim com suas reivindicações. (Do correspondente - Uberaba, Minas Gerais)

Que nunca falte coragem à Tribuna!

Escrevo esta para dar meus sinceros agradecimentos a todos integrantes do jornal Tribuna Operária. Desejo a todos muita felicidade e saúde, para que não falte a coragem de lembrar tantos fatos que as autoridades procuram esconder. Viva a Tribuna, jornal do povo, que tem bom coração. O público sente dentro

dela um puro desejo de ajudar os mais necessitados, os que não têm apoio neste regime que só se preocupa pelo lucro.

Viva todos os autores da Tribuna Operária e todos os que ajudaram a FMLN! (P.C.N. - Rio das Pedras, Rio de Janeiro)



fala o POVO

Um metalúrgico de São Bernardo, na carta que publicamos abaixo, diz, com inteira razão, que "a maior dificuldade que o povo encontra para opinar sobre política, é a de entender seus princípios". Em poucas palavras, o companheiro pôs o dedo na ferida. Não se pode, menos ainda em ano eleitoral, julgar as correntes políticas pelo que elas dizem. É preciso ver o que fazem. É necessário encarar todas elas de um ponto de vista de princípios. A Tribuna procura, na medida das suas forças, estimular esta atitude.

Operário do ABC quer uma política de princípios

Acredito, participando diretamente com os metalúrgicos de São Bernardo, que a maior dificuldade que o povo encontra em opinar sobre política é a de entender seus princípios. Assim, creio que seria bastante interessante, que a Tribuna se propusesse a explicar os ideais políticos em geral: democrático, cristão, social, comunista. Tive esta idéia a partir de que, o governo lançou nas cadeias de televisão uma campanha aberta contra o comunismo.

Gostaria também, de ver uma análise de tudo que ocorreu na Polônia, para esclarecer a população, pois o governo está usando os males da Polônia na sua luta contra o comunismo. O mesmo tipo de reportagem deveria ser feito em relação a El Salvador.

Aproveito a oportunidade para reclamar a falta de saneamento básico na cidade de Ribeirão Pires, conhecida há poucos dias pelos assassinatos e linchamentos. (P.K.T. — operário em São Bernardo, São Paulo)



Leopoldo (centro), opositorista prá valer

Povo quer Leopoldo para vereador em São Caetano do Sul

Com aproximadamente 300 pessoas, realizou-se no Teatro Santos Dumont, em São Caetano do Sul, o lançamento do Comitê de Apoio à Candidatura de Leopoldo Neto a vereador pelo PMDB. Os presentes, na maioria, eram moradores da favela Buracão da Cerâmica, operários da Villares, da GM e estudantes. Compareceram também, políticos opositores ocupando cargos executivos e legislativos, que detiveram-se na representatividade do ato e asseguraram a legenda ao jovem candidato Leopoldo Neto.

Os pronunciamentos destacaram, que é necessária a derrocada do regime militar e o avanço da unidade do povo. Temos certeza, de que nessas eleições ocuparemos mais um espaço importante no avanço das lutas populares. (Comitê de Apoio à Candidatura Leopoldo — São Caetano, São Paulo)

Baianos não querem saber de curral metálico no ônibus

É fogo viajar em ônibus aqui, neste calor e com estas deficiências nos transportes. Ainda mais com estes currais metálicos, importados para evitar a descida pela porta traseira. O pessoal tem vasto itinerário e pouco dinheiro, como eu. E vê, que o governador pouco se importa, que metam a mão no nosso bolso, e ajuda também a meter a mão, pois os impostos são cobrados pelo governo.

É preciso um órgão que deveria tirar os currais. E, Senhoras, que, ao que vejo, poucos operários também gostam de ser tratados como gente. (Pascoal — Salvador, Bahia)

Centro de Documentação e Memória Fundação Maunício Grabis

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

Estratégia e tática operária

Nos períodos de crise, as amplas massas são atraídas para a luta revolucionária. Então, o rumo da revolução passa a depender da classe operária — em particular a sua vanguarda — dominar uma estratégia e uma tática adequadas à situação do país.

ORIENTAÇÃO GERAL

A estratégia é a orientação geral para uma determinada etapa da revolução. Define o plano geral da atividade revolucionária para atingir os objetivos centrais desta etapa, e quais as forças que podem ser mobilizadas. No Brasil, por exemplo, o objetivo estratégico da etapa atual é liquidar o Estado reacionário, representante do imperialismo, dos grandes grupos monopolistas e dos latifundiários e construir uma democracia popular em marcha para o socialismo. A classe operária, os camponeses e amplas massas da pequena burguesia urbana são as principais forças interessadas nesta luta. E, apesar de sua posição reformista e vacilante, setores da burguesia nacional podem, até certo ponto, ter uma determinada participação devido às suas contradições com o imperialismo.

OBJETIVOS IMEDIATOS

Mas não basta definir os grandes objetivos. É necessário saber concretamente qual o objetivo imediato a ser alcançado, qual o ponto débil do inimigo que pode ser explorado, qual a forma de luta e de organização que permite acumular o máximo de forças para derrubar cada obstáculo colocado pelas classes dominantes. E com esta atividade prática, dirigir amplas camadas sociais para que elevem o seu nível de consciência e passem da atuação espontânea, de alcance limitado, para a atuação revolucionária.

A tática é que determina esta linha de conduta em cada momento. Enquanto a estratégia trata dos grandes objetivos e das grandes forças envolvidas numa guerra, a tática cuida de cada batalha e da mobilização de cada unidade de combate, dependendo da situação de avanço ou de recuo da revolução. A tática faz parte e está a serviço da estratégia.

MOBILIZAR FORÇAS

Uma correta condução tática deve saber mobilizar todas as forças, aproveitar todas as brechas e contradições entre os grupos das classes dominantes, explorar todas as possibilidades de conseguir um aliado mesmo que seja vacilante, temporário e pouco seguro. A tática deve permitir, que milhões e milhões de trabalhadores façam a sua própria experiência, e aproximem-se dos objetivos revolucionários.

No Brasil, por exemplo, a concentração do poder nas mãos dos generais provoca o descontentamento da imensa maioria da população, até mesmo de setores das classes dominantes. O objetivo imediato que permite abrir o caminho da revolução é o fim do regime militar e a conquista da liberdade política. A radicalização da situação política vai colocando na ordem do dia, cada vez mais, as ações amplas e enérgicas de massas. E, para impulsionar uma grande frente democrática para uma atividade unitária e combativa, torna-se necessário formar no seu interior um núcleo de unidade popular. Apoiar de imediato a luta por um governo provisório, representativo das forças democráticas e da unidade popular, pode nesta situação impulsionar o movimento revolucionário.

Uma correta condução tática exige o domínio do movimento político em curso, para orientar as palavras de ordem adequadas em cada situação e saber passar rapidamente de uma forma de luta para outra; e deve unir cada luta e cada conquista parcial num amplo movimento para abrir o caminho da revolução. A seguir, o proletariado e a luta parlamentar.

Crítica ao revisionismo chinês

João Amazonas

O revisionismo chinês de Mao Tsetung

Os textos de João Amazonas sobre o revisionismo chinês e seu principal inspirador, Mao Tsetung, formam uma importante obra de defesa do marxismo-leninismo e de combate intransigente à conciliação de classes e ao oportunismo político no movimento operário. Pedidos à Editora Anita Garibaldi — Travessa Brig. Luís Antônio, 53 - CEP 01318 São Paulo, Capital.



13 de maio: o negro ainda discriminado!

No dia 13 de maio, completam-se 94 anos que a escravidão negra foi abolida no Brasil. Mas, será que a Lei Aurea, promulgada em 1888, trouxe a verdadeira libertação do negro brasileiro?

Sem dúvida, a luta abolicionista foi uma das primeiras a ter caráter nacional em nosso país. Além dos escravos, a ela se integraram intelectuais, estudantes, líderes políticos e considerável massa popular. Figuras como as de Castro Alves, Luiz Gama e Joaquim Nabuco se destacaram na Campanha Abolicionista. Mas hoje, a situação continua das mais penosas para o negro.

Os negros e mulatos encontram-se em grande desvantagem na sociedade brasileira. Embora a miséria atinja grande parte da população, os indicadores de pobreza são mais fortes entre os negros. O Censo de 1980 indicou que 33% de toda a população brasileira economicamente ativa recebe até um salário mínimo. "Pois bem, nessa faixa estão 91,6% dos negros e dos descendentes de negros do Brasil! Escapando da escravidão feudal na época do império, o negro se vê, junto com todos os oprimidos, diante da escravidão capitalista, a escravidão assalariada.

DISCRIMINAÇÃO RACIAL

A questão fundamental hoje para o negro brasileiro e seus descendentes é a conquista, junto com toda a população, das mais amplas liberdades políticas. Os mulatos representam quase a metade da população e têm um papel fundamental nesta luta, que é de toda a sociedade.

Só o policiamento desagradou gaúchos no show Canta Brasil

Setenta mil gaúchos foram ao estádio Beira-Rio, dia 30, vibrar com o show *Canta Brasil*, uma das mais vivas manifestações da música popular brasileira nos últimos tempos. Participaram: Chico Buarque de Holanda, Toquinho, Beth Carvalho, Gonzaguinha, o conjunto MPB-4. O público aluiu justamente para ouvir música popular, brasileira e de qualidade.

As músicas mais aplaudidas — infelizmente não muitas — foram as que falam das dificuldades e da luta do povo. "Caminhando",

Folclore da Copa

Estocolmo, Suécia, 1958. Durante a disputa da VI Copa do Mundo, a primeira que o Brasil ganharia,



Mané Garrincha



Carlão, 1º presidente negro da UEE

Contudo, os negros e mulatos têm também questões específicas nesta luta.

A discriminação racial existe de fato no país. Para citar poucos exemplos: os negros e mulatos não ocupam cargos decisórios no país; a violência policial se dá sobre eles com maior brutalidade e mesmo nas novelas de televisão, a eles cabe os papéis secundários.

Desde a escravidão, houve na realidade uma grande miscigenação na sociedade brasileira, mas hoje, os negros e mulatos ainda sofrem discriminação racial por serem considerados descendentes dos escravos. Embora isto seja sempre negado veementemente por todo lado.

A luta contra a discriminação dos negros e mulatos e contra todo preconceito racial faz parte da luta pela emancipação dos trabalhadores. Somente transformações profundas no sistema social imperante pode resolver este problema. (Carlos Alberto de Oliveira, Carlão — Presidente da União Estadual dos Estudantes de São Paulo).

muito esperada, não foi cantada por Simone, mas sim pela plateia insatisfeita, mais ainda por ser um show dedicado ao 1º de Maio.

Mas o que não agradou mesmo, foi o policiamento ostensivo e violento dos "brigadianos" da Polícia Militar Gaúcha. Mesmo assim, populares que assistiam o espetáculo da "Coréia", distante do palco e em pé, terminaram invadindo o gramado, sob o aplauso do restante do estádio, que gritava "o povo unido jamais será vencido". (da sucursal)

maravilhando os olhos do mundo com o futebol exuberante e implacável de Garrincha, Pelé e Didi, o técnico da nossa seleção, Vicente Feola, fazia uma preleção tática aos jogadores.

Feola usava, para ilustrar suas orientações, botões expostos sobre um tablado, simbolizando o campo e os jogadores.

Num momento da palestra, Feola referiu-se à uma penetração de Garrincha, livrando-se de seu marcador e cruzando para a finalização de Vavá.

Mané Garrincha, na sua humilde e gostosa ingenuidade, não entendeu:

— Mas, seu Feola, e se o gringo se mexer?

J.M.

O "mundo cão" na TV, a serviço da ignorância

Ao explicar a nova programação da Rede Globo, seu diretor, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, afirmou: "Nossa intenção é avançar em direção à Classe D, nos horários diurnos, e em direção à Classe A nos horários noturnos". Era a justificativa aos programas do tipo "mundo cão".

A afirmação do "Bonifácio" traduz uma reação à concorrência dos programas "populares" da TVS, o canal do Silvio Santos, que começa a preocupar até a toda poderosa Rede Globo. Com essa investida em direção à "Classe D", isto é, às camadas mais pobres da população, a Globo procura manter a liderança de audiência ameaçada por programas como "Povo na TV", da TVS. Com isso, baixa ainda mais o nível da programação, que já não era dos melhores.

Ao entregar, em março de 1981, os canais que pertenceram à antiga TV Tupi aos grupos Silvio Santos e Bloch Editores, o governo sabia o que estava fazendo. Na época, especulou-se que esses eram os grupos que melhor atendiam aos interesses eleitorais do governo. Os acontecimentos comprovaram o acerto dessa avaliação. A TVS implantou um estilo de programação tipo "mundo cão", policialesco, que explora a miséria, a ignorância e a boa fé das pessoas mais atrasadas, ao mesmo tempo em que promove de maneira clara e indisfarçável o governo.

A falta de escrúpulos e de ética é tamanha que o carro chefe da programação vespertina da TVS, o "Povo na TV", já foi questionado judicialmente pelo menos duas vezes.

Numa delas, um jovem negro foi filmado pelo programa numa batida policial, e apresentado como um "perigoso



Chacrinha, na Globo, e "Povo na TV", na TVS, cultivando a ignorância e o preconceito para ganhar audiência.

marginal" que estaria sendo preso pela ROTA. Posteriormente, a família do rapaz provou que ele, na verdade, estava na rua à procura de emprego... e o único "indício" de que se tratava de um "perigoso marginal" era a cor de sua pele!

É esse o tipo de programa que parece dar o tom da programação vespertina dos canais de televisão. Na Globo, em março, estreou o "Cassino do Chacrinha", marcando, depois de 10 anos fora da emissora, a volta do conhecido esquema dos programas do "Velho Guerreiro". Mas as "inovações" da Globo não ficaram nisso. Outro velho programa do rádio, ressuscitado para ir ao ar aos domingos, é "Balança mas não cai".

E, em abril, estreou a mininovela "Caso Verdade", que traz todas as semanas a dramatização de algum acontecimento real, embalado com o "padrão global de qualidade".

O primeiro episódio foi a história de um cego, que "serve de exemplo para todos nós, ... deficientes ou não!" O segundo episódio, a luta contra a raiva, os métodos inovadores usados por um



médico carioca para salvar a vida de uma vítima da doença. Ao mesmo tempo, o programa transmite conselhos "educacionais", tipo "vacine seu cão".

Seria ingênuo esperar que a televisão, nas mãos de grandes grupos monopolistas e intimamente ligados ao governo, trouxesse uma programação que ajudasse a elevar o nível de cultura e consciência do povo. A nova safra de programas mostra que sempre é possível baixar o nível ainda mais, colocando a televisão a serviço dos interesses mais obscurantistas e, a pretexto de levar o lazer à "Classe D", reforçar a ignorância e os preconceitos.

(Carlos Henrique)



Nas camisas, a propaganda comercial

Alerta! Interesse comercial pode levar esporte amador à destruição

Dois torneios importantes do esporte amador terminaram recentemente. O Minas Tênis Clube venceu a I Copa Brasil de Vôlei, ficando a Pirelli, de Santo André, vice-campeã. O Monte Líbano ganhou o Torneio Internacional promovido pela Federação Paulista de Basquete, deixando Francana como vice-campeã. Ao mesmo tempo, o Comitê Olímpico Brasileiro remeteu às confederações de esportes amadores circular advertindo o falso amadorismo, principalmente das equipes de vôlei e basquete.

O falso amadorismo é patente. O América do Rio de Janeiro montou, com o apoio financeiro da Rede Globo, uma equipe com atletas de nível de seleção brasileira: o técnico Ari Vidal, os jogadores Marquinhos, Oscar, Gilson, Saiani, Paulão e Luizinho. Em São Paulo, o Corinthians, com Cr\$ 50 milhões de patrocínio da Mitsubishi, contratou Micalos jogadores Adilson e Gilson, da Seleção Brasileira, e os norte-americanos Haybe Stewart e Morgan.

No vôlei, a Pirelli de Santo

André desfalcou a Atlântica Boa Vista do Rio de Janeiro, contratando Xandô e Amauri, e ainda Márcio, Manfrin e Bonifácio, do Guarulhos de São Paulo.

Para os cartolas, estas milionárias transferências de técnicos e atletas não representam contrato profissional, e sim "ajuda de custo, bolsas de estudo", etc. E, os atletas e técnicos consideram "saúdável" o interesse publicitário, que o esporte amador vem despertando, pois isso cobre a crônica omissão do governo na assistência ao esporte.

Mas essa "profissionalização" representa um perigo para a consolidação do vôlei e do basquete como esportes verdadeiramente amadores, estruturados para a prática ampla da população, notadamente nas divisões infantis e juvenis. O futebol, modelo acabado do esporte profissional, tem exemplos de sobre o maléfico do "esporte profissional".

Os prêmios também já se fazem sentir no vôlei. O atleta brasileiro campeão, considerado o maior jogador de vôlei juvenil no Campeonato

Mundial, disputado nos Estados Unidos, não pôde participar da Copa Brasil de Vôlei, por estar cumprindo o estágio de seis meses exigido pela Confederação Brasileira, nos casos de mudança de clube.

AMOR AOS ESPORTES?

Não é por amor aos esportes que a burguesia está manifestando interesse comercial pelas competições amadoras. Acontece que as transmissões diretas da TV de partidas do Campeonato Estadual de Basquete paulista, por exemplo, alcançaram elevados índices de audiência, o mesmo acontecendo com o Campeonato Sul-Americano de Vôlei Feminino e o Campeonato Sul-Americano Interclubes de Vôlei — ambos vencidos pelo Brasil. Some-se a isso o fato de que este ano não é somente o ano da Copa do Mundo. Em agosto será disputado o Campeonato Mundial de Basquete, na Colômbia, e em setembro o Campeonato Mundial de Vôlei, na Argentina. Acontecimentos que deverão ter boa audiência e bons comerciais... (Jessé Madureira)

Nordestino, cuidado com São Paulo!



Para o futuro prefeito de São Paulo, Antonio Salim Curiati, o principal problema de São Paulo são os nordestinos. Para tanto pretende fechar-lhes as portas da cidade. A *Tribuna* mostra aqui como a política dos Curiati da vida leva à exploração e miséria a grande maioria dos nordestinos. Enquanto estes trabalham, os governantes esbanjam mordomias.

Um Nordeste dentro de São Paulo

A *Tribuna Operária* inicia neste número uma série de reportagens tratando da situação dos nordestinos em São Paulo. No Estado de São Paulo existem hoje 2.844.000 de migrantes nordestinos, abaixo apenas da Bahia, Pernambuco, Ceará, Maranhão e Paraíba. Chegando nas grandes capitais são explorados ao máximo, fazendo os piores serviços e recebendo salários irrisórios. Com cultura e costumes diferentes, são marginalizados e carregam sobre eles uma carga de preconceitos.

No primeiro dia de reportagem, pude notar que a tarefa de mostrar este mundo de exploração e miséria não seria fácil. Na rodoviária do Glicério, local de chegada dos ônibus do Nordeste, a segurança só permitiu que se fizesse as entrevistas com os passageiros em sua presença. Em seguida, fui fotografar uma família embarcando em um táxi e sofri uma violenta agressão de um motorista.

Então descobri a impunidade com que age a "Máfia do Glicério", pois mostrei o rosto sangrando a dois guardas de trânsito que estavam ao lado e presenciaram toda a



Uma provável vítima da "Máfia"

agressão. O agressor saiu tranquilamente enquanto os guardas me repreendiam por eu não ter pedido "autorização" a eles para tirar as fotos.

Segundo o jornal *Trans-Taxi*, a "Máfia do Glicério" foi "montada exclusivamente para cobrar verdadeiras fortunas dos pobres coitados migrantes, quase em sua maioria nordestinos, que desembarcam naquela estação e tem necessidade dos serviços de taxi". Estes taxistas mafiosos chegam a cobrar até 30 mil cruzeiros por uma corrida de taxi daquela estação até o bairro de Itaim Paulista. (Domingos Abreu)

"A gente ouviu dizer que São Paulo era bom. Então nós viemos tentar a vida e estamos tentando até hoje", diz Iraci Moreira da Silva, mãe de 10 filhos. Ela saiu da Bahia há 15 anos. Quem sustenta a casa é o filho mais velho, de 18 anos, que trabalha de servente de pedreiro e ganha 3.800 cruzeiros por semana. O marido, Jonas, é encanador, mas há dois anos está sem trabalhar, doente da coluna e com bronquite. A família de Iraci não teve condições de pagar o aluguel e ocupou um terreno no Jardim 1º de Outubro, na zona leste de São Paulo, onde levantaram o seu barraco.

Histórias como essa são comuns entre os quase três milhões de nordestinos que vivem no Estado de São Paulo. Uma leva crescente de pessoas está deixando o Nordeste com destino a outras regiões. Na década de 40, saíram 710 mil pessoas daquela região e, na década de 70, este número já tinha se elevado para 3.700.000 pessoas. A causa do grande número de migrantes, que deixam os Estados do Nordeste, está intimamente ligada ao domínio do latifúndio na região. A seca apenas ajuda a agravar a situação.

No Cetren tratam a todos como animais

Quase todos os nordestinos saem de sua terra esperando encontrar em São Paulo uma vida melhor. Mas, logo que desce do ônibus ou trem, o migrante já começa a enfrentar problemas. Em



Desembarque de uma família nordestina em São Paulo. O sonho de melhorar de vida vai durar pouco

São Paulo, os ônibus chegam na Rodoviária do Glicério, que deverá ser desativada em meados de maio. Quando não é assaltado pelos marginais, que perambulam por aquele local, o viajante, que chega, acaba caindo nas mãos da "Máfia do Glicério", formada por alguns motoristas de táxi sem escrúpulos. (Veja o box ao lado).

A situação é pior para aqueles que chegam na capital paulista sem dinheiro e sem ter nenhum parente morando aí. Acabam se dirigindo para o Cetren (Central de Triagem e Encaminhamento) ou o Dais (Departamento de Amparo e Integração Social). Estes dois centros de recepção governamental dos migrantes é um verdadeiro inferno, segundo os que passaram por lá. Colocam as pessoas que vieram trabalhar em São Paulo misturadas com marginais, prostitutas, mendigos e doentes e tratam todos como se fossem animais.

"Se eu pudesse ia até hoje embora"

Outros, que tiveram a sorte de escapar do Cetren, enfrentam outros tipos de problemas. Rômulo Lourenço Gomes e Geraldo Henrique Pereira saíram de Pernambuco em fevereiro de 1981 e vieram para São Paulo. Geraldo, que trabalhava de gráfico em Recife, veio com seu primo Rômulo para o Sul porque "a situação financeira estava difícil". Os dois contam: "A gente sempre sentava numa mesinha e discutia que aqui seria mais fácil a vida, ia ganhar

mais. Mas ficamos decepcionados".

Geraldo é casado, pai de quatro filhos, deixou a família em Olinda. "Não faço idéia — diz — de quando posso trazer a família. Tenho saudades demais de casa, se eu pudesse ia até hoje embora". Rômulo mora com seu primo, Geraldo, num barraco no Jardim 1º de Outubro, e está desempregado há um ano. "Eu trabalhei uns três meses de garçon, depois desempreguei e aí vim parar aqui na invasão".

Um ferramenteiro, trabalha na faxina

A grande maioria dos moradores do Jardim 1º de Outubro são nordestinos. O nome do bairro é uma homenagem ao dia em que invadiram o terreno e começaram a construir suas humildes casas, porque não tinham mais condições de pagar aluguel. Há casos dramáticos entre seus habitantes como o de um metalúrgico ferramenteiro, que está desempregado desde novembro. Ele só deu as iniciais do seu nome, G.N.C.B. tem 38 anos, mas aparenta mais, por causa de seus cabelos grisalhos; é pai de dois filhos. "A situação está crítica — afirma ele —, depois que perdi o emprego, em São Bernardo, trabalhei em várias empreiteiras sem registro, me dispensaram e não me pagaram nada. Agora consegui um serviço de faxineiro". G.N.C.B. nasceu na Bahia e foi criado em Minas. Há sete anos em S. Paulo, ele afirma que "apesar de todas as dificuldades vou ficar aqui".

Verdadeira prisão hospeda migrantes

O Cetren e o Dais são dois locais de São Paulo onde são encaminhados os migrantes que chegam em São Paulo, desempregados e sem dinheiro. Para os que passaram por aquela instituição governamental, "é parecido com um presídio, com as portas fechadas a cadeado". Diversas denúncias de maus tratos e corrupção já foram feitas pela imprensa, mas a situação de lá não se alterou.

Os trabalhadores chegam ao Cetren e ao Dais e são colocados junto com marginais, prostitutas, mendigos e doentes. Muitos ladrões agem livremente lá dentro e aproveitam para roubar as malas dos que saem à procura de emprego. Jesus Agobar Silva dos Santos é mecânico hidráulico e, ao chegar em São Paulo, foi assaltado na rodoviária. Sem dinheiro e sem documentos, foi obrigado a ficar no Cetren. Lá dentro lhe roubaram uma calça e uma camisa.

Há dois anos, foram feitas sérias denúncias mostrando que alguns funcionários desviavam alimentos que eram destinados aos internos do Cetren. Foram vistos caminhões saindo carregados com caixas de frutas. E, enquanto isso, para os hóspedes do Cetren serviam uma sopa de fubá salgada na janta, considerada "pura lavagem" por um que a experimentou.



Os nordestinos à espera de trabalho, que muitas vezes não encontram.

Operários fazem coleta para não morrer de fome

"Se não fossem as coletas a gente morria de fome. Isso não é exagero não. É a pura verdade", afirma um metalúrgico da Coferraz, do ABC paulista. Desde janeiro que os 2.200 operários desta siderúrgica não recebem seus salários. A partir do dia 10 de março eles cruzaram os braços exigindo o pagamento. Como nada foi solucionado, os trabalhadores tiveram que sair à procura da solidariedade da classe para se manter na luta.



Operários da Coferraz reunidos: "Precisamos da solidariedade de todos".

A comissão de fábrica da Coferraz já fez inúmeros mutirões nas portas de outras empresas, explicando a situação de penúria dos metalúrgicos e pedindo ajuda material e moral à sua greve. Só nas três principais fábricas de São Bernardo — a Volks, Mercedes e Ford — a comissão arrecadou 251 mil cruzeiros. E na manifestação do 1º de Maio a coleta conseguiu 93 mil cruzeiros!

"Isso mostra que de tanto a classe operária apanhar, de tanto ser explorada, ela começa a se unir", comenta um paranaense que tinha um ano e meio de Coferraz. "O pessoal sabe que a nossa situação pode ser a de todos amanhã, a não ser que a gente se una e mude esta situação. De lá de cima, do governo, não dá para esperar nada".

"Do governo até agora não vimos nada, só promessa"

Esta é a conclusão a que todos chegaram neste período de luta. No dia 27 de abril, uma comissão de 40 operários da Coferraz e alguns diretores do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André, esteve em Brasília para procurar uma solução para o problema. "De concreto nós não conseguimos nada. O assessor do Delfim Neto disse que tudo dependia do Ministério da Fazenda. Na Fazenda, o assessor disse que o caso não era simples, e que ia estudar uma solução. Ao Murilo Macedo, do Trabalho, nós pedimos que o governo, pelo menos, desse um jeito nas contas de luz e água, que estavam sendo cortadas, e nas mensalidades do BNH.

Ele prometeu dar solução, mas até agora não vimos nada", explica um dos metalúrgicos que participou da caravana à Brasília.

"Não adianta falar com o governo. Se o peão fizesse uma greve, o governo logo aparecia dizendo que estava prejudicando a empresa e tacava uma lei qualquer contra o operário. Mas como no nosso caso é a Coferraz que está prejudicando os operários, atrasando o salário, o governo não faz nada", comenta um paraibano com seis anos de Coferraz.

Muitos não têm dinheiro nem para a condução

Para se ter uma idéia das dificuldades por que passam os metalúrgicos da Coferraz, é só ir ao Fundo da Greve de Santo André. Toda manhã, fila de até 100 operários se formam para pegar a despesa básica da semana. "E muitos não têm condição nem de vir aqui,

porque não têm dinheiro para a condução", explica o paraibano. "Muitos já foram despejados de suas casas. Eu mesmo tive que ir para casa de um parente, porque não tinha como pagar o aluguel", comenta outro.

A dispensa entregue no Fundo de Greve é válida por uma semana, e conta com o mínimo indispensável para sobreviver: arroz, feijão, açúcar, sal, macarrão, batata, óleo e lata de leite para os que têm filhos de poucos meses. "De vez em quando a gente ainda consegue comprar uma mistura. Mas é bem de vez em quando".

"A gente aprendeu muito com esta nossa luta"

Numa conversa com cerca de dez operários da comissão da Coferraz, ficou a impressão de que apesar das dificuldades e do impasse — a empresa afirma que está

em crise e não tem como pagar os salários —, eles estão desesperados. "Se a gente não acreditar na nossa própria força para conseguir ir vivendo, como é que via ser? Virar ladrão ou se matar não é solução. Além do mais, a gente aprendeu muito com esta luta. Começamos a entender melhor como funciona este sistema. O patrão lucra, o governo serve aos patrões e os operários são massacrados. Até a hora que ele acorda, desperta, e começa a luta, como a gente", raciocina um deles.

"Por isso que eu gostei daquele quebra-quebra que a gente fez na Coferraz", comenta um outro, referindo-se à explosão, que ocorreu no dia 6 de abril, quando uns 1200 operários arrebentaram com a sala da diretoria da empresa. "Eu me machuquei, apanhei a bati na polícia, mas estou contente. Com aquele nosso desabafo o governo e os donos da Coferraz, notaram que nós somos gente".

(Altamiro Borges)

Trabalhador, ajude seu companheiro da Coferraz. Da solidariedade da classe depende, a resistência dos operários contra a exploração. A luta na Coferraz é de toda a classe.

Você pode enviar sua contribuição, principalmente financeira, para as Mensais da Tribuna Operária, em todos os Estados. Ela será entregue aos companheiros da Coferraz.



O quebra-quebra: "Eu apanhei e bati, mas foi um desabafo"